

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 88



Aventuras extraordinárias dum policia secreto

Caçada nas trevas



EDITOR E PROPRIETÁRIO F. A. MIRANDA E SOUSA

COM. E IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Aventuras de Lord JACKSON

Genial e audacioso policia amador
O unico rival de SHERLOCK HOLMES

Nada tão emocionante e de interesse tão empolgante como este verdadeiro romance de um homem admiravel, poderoso e forte que, apesar de imensamente rico, dedicou o seu talento sem igual, a sua invencivel bravura, e a sua colossal fortuna, á causa da justiça, protegendo o fraco, vingando as victimas, e conduzindo ao patibulo os mais horribéis e tenebrosos assassinos do mundo inteiro!

Volumes publicados a 60 réis cada

- 1 Crimes no palacio Jackson. 2 O osso d'uma pena 3 Invasão d'um melvado 4 Crimes impunes 5 Calvario do rei dos assassinos 6 Um attentado terrorista 7 A creanca martyr 8 Resgate sangrento 9 A falsa suicida 10 Um drama nas nuvens 11 Junto á Guilhotina 12 Jackson, em poder dos bandidos 13 O cão policia 14 O esqueleto vivo 15 Bandidos de casaca 16 A rainha dos apaches 17 Duas faanhas notaveis 18 Jackson envenenado 19 Ressurreição de Jackson 20 Sapatos de defuncto 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes 22 Mulheres policia. 23 Um milhão de francos. 24 As bravatas de um Yanké. 25 Corações torturados. 26. O quarto dos mortos.

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •



Aventuras extraordinarias dum policia secreto

Numero publicado

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 1 O Mercador de Cadaveres | 47 A Envenenadora de Castilho |
| 2 A Filha do Usurario | Rock |
| 3 O Crime d'um Jogador | 48 O Forçado Martyr |
| 4 O Incendio do Polo | 49 O Tumulo no Pharol |
| 5 Rocabol, o Bandido | 50 Paixão Fatal |
| 6 A Mala Sangrenta | 51 A Torre Misteriosa |
| 7 O Noivo desaparecido | 52 Os Treze Apaches |
| 8 A Virgem da Floresta | 53 O Rapto do Morgadinho |
| 9 O Roubo do diamante azul | 54 A Vingança da Camorra |
| 10 Blackwell, o Pirata do Tamar | 55 O Segredo do Sepulchro |
| 11 Os Voluntarios de Guise | 56 O Terror de Boston |
| 12 O Faro de Sherlock Holmes | 57 Um Erro da Justiça |
| 13 Os Moedeiros Falsos | 58 Victimia da Innocencia |
| 14 O Outro Eu | 59 O Segredo da Sonnambula |
| 15 O Thesouro do Negroiro | 60 Mysteries d'um crime. |
| 16 O Kodak Traicoeiro | 61 (Supp.) O Homem Invisivel |
| 17 As Rendas da Rainha | 62 A' Porta da morte. |
| 18 Sombra e Luz | 63 A Casa do Homem |
| 19 O Crime da Porta Saint Martin | 64 O Medico Criminoso |
| 20 O Testamento Falso | 65 Uma familia traço |
| 21 Genio e Loucura | 66 (Supp.) O aperto de mão fatal |
| 22 O Assassino Mysteroso | 67 Um drama na India |
| 23 As Joias Sangrentas | 68 O Segredo do pantano |
| 24 O Phantasma do Castello de Milster | 69 A Encarcerada |
| 25 Um Prego n'um Craneo | 70 O filho natural |
| 26 Jack, o Estripador | 71 (Supp.) A mulher do olhos verdes. |
| 27 A Caveira de Bronze | 72 A Praga maldita |
| 28 O Assassino de Creanças | 73 Os companheiros do crime |
| 29 O Judeu Polaco | 74 A loucura do ciume. |
| 30 O Morto Ressuscitado | 75 O Rei da India |
| 31 O Capião Vermelho | 76 O testamento do presidente |
| 32 A Machina Infernal | 77 (Supp.) Elixir magico |
| 33 O Ladão Fidalgo | 78 Alma negra |
| 34 600.000 frs. de diamante | 79 O homem macaco |
| 35 O Trapeiro de Paris | 80 A dama velada |
| 36 Os Ciumes do Lord | 81 Em volta d'um throno |
| 37 As Faanhas de Pied de Beuf | 82 (Supp.) Odio de mulher |
| 38 A Rainha do Ar | 83 O contrabandista d'opio |
| 39 A Linda Irmã de Corid-de | 84 Drama n'um ballão |
| 40 A Morte pelo Corio | 85 Os bastidores do crime |
| 41 O Quadro Revelador | 86 O carnaval em Colonna |
| 42 O Punhal de Négus | 87 (Supp.) O crime de Grosvenor Place |
| 43 No Paiz da Espionagem | 88 A' caça da fortuna |
| 44 O Rei dos Contrabandistas | 89 A prisioneira do campariario |
| 45 A Casa Tragica | 90 O naufragio do Corfú |
| 46 Os Pyrilampas de Nova York | 91 Escola dos criminosos |

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores
Romances de amor—Romances de aventuras—Romances
de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com esplendida capa artistica Rs. 100

Volumes publicados

- | | |
|---------------------------------|-------------------------------|
| 1. Enterrada viva* (Exg.) | 18. Os diamantes do duque |
| 2. O Mascara negra (Exg.) | Norfolk |
| 3. Segredo do abismo* (Exg.) | 19. O mascara vermelha* |
| 4. Castigo d'um falsario (Exp.) | 20. Um thesouro submarino |
| 5. O amante da rainha* | 21. Um assalto n'um comboio |
| 6. O roubo das reaes ordens | 22. Milagre d'amor* |
| 7. Um thesouro n'um athaude | 23. O apostolo de prata |
| 8. Um rival de Sherlock Holmes* | 24. O falso policia |
| 9. Uma aventura nocturna* | 25. Entre os apaches de Paris |
| 10. Um parisiense na Persia* | 26. O flagello errante. |
| 11. Estrategema d'um banqueiro | 27. Um galan e dor Burlado. |
| 12. O padre sangrento* | 28. O herdeiro de Esag e tone |
| 13. O principe togador | 29. A Mão Negra. |
| 14. As catacumbas de Paris | 30. Nas Ruínas de Messina |
| 15. Amor e dinheiro | 31. O Alchimista |
| 16. Vingança de Musolino* | 32. O segredo do anel |
| 17. O retrato da princeza | 33. O thesouro de Siwa |
| | 34. O mutilador de creanças |
| | 35. O Rei dos do dos |

* As obras marcadas com este signal não fazem parte das Proezas de Raffles.

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O gatuno amador

alternará no Livro Popular com novellas d'outros auctores, seleccionadas com o maior esculpulo.

Prazeres secretos do amor

pro. do. Jap.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa
artistica 600 rs.

Novidade Litteraria

Acaba de ser publicado:

Os espinhos do adulterio
por Victorien du Saussay
1 volume 300

CACADA NAS TREVAS

por Conan Doyle

CAPITULO I

A viagem interrompida

Entre os viajantes que regressavam a Baltimore, a populosa e bella cidade da bahia de Chesapeake, encontravam-se Sherlock Holmes, o celebre policia e o seu fiel ajudante, Harry Taxon. Acabavam de visitar as pittorescas margens dos immensos lagos ao noroeste dos Estados Unidos.

Os dois policiaes não tencionavam demorar-se muito tempo em Baltimore, onde já haviam permanecido algum tempo antes da sua excursão pelos lagos; determinaram portanto partir directamente para Locust-Point, porto de Baltimore, e o termo da escala dos transatlanticos para emprenderem no mesmo dia, a viagem de regresso a Liverpool, a bordo do hiate «Sniveller».

Disponham-se a chamar um trem, quando lhes atrahiu a attenção um grupo compacto reunido a uma esquina, perto da estação.

Com o seu espirito observador, Sherlock Holmes não despresava o mais pequeno incidente que lhe despertasse a attenção. Assim, acorreu-o e o seu ajudante do grupo dos curiosos.

Depressa observaram que o motivo da curiosidade

que ali reunia aquella gente, era um grande cartaz que collocaam n'aquelle momento e que dizia o seguinte:

Offerece-se uma recompensa de trez mil dollars

a quem indicar o assassino do rapaz que no dia 26 do corrente foi encontrado horivelmente mutilado em uma avenida de Druid Hill Park.

A victima contava 14 ou 15 annos de idade, e segundo as investigações a que a policia procedeu, era estudante de um lyceu da capital. Era alto, esbelto, louro, de olhos azues, pelle clara e nariz grego. Vestia um fato cinzento de quadradros; usava um bonnet azul de collegial e segundo as indicações dadas pelos parentes, tinha consigo um relógio muito antigo conhecido de toda a familia.

Pede-se ás pessoas que o tenham visto desde o dia 24 do corrente ás nove horas e meia da noite, hora a que pela ultima vez saiu de casa, situada em Harrison Avenue, 10, até á noite de 25, em que certamente se commetteu o assassinio, para se apresentarem no commissariado da policia em Washington Street.

Sherlock Holmes leu o cartaz com o mais vivo interesse.

Dir-se-ia que queria gravar na memoria uma por uma todas as palavras que estava lendo.

Entretanto, Harry Taxon, seu discipulo, observava com grande attenção o rosto do mestre.

O esperto mancebo comprehendia que o seu amigo e mestre pensava em occupar-se d'aquelle assumpto.

Sabia bem que quando o celebre Sherlock Holmes se decidia a dedicar-se a qualquer caso, não descansava sem o esclarecer.

Certamente não era a recompensa offerecida que lhe estimulava o zelo, mas simplesmente o exercicio da sua perigosa profissão.

Portanto, Harry não se admirou absolutamente nada quando o mestre se voltou para elle dizendo:

— Não embarcaremos hoje. Antes de regressarmos á nossa terra, participaremos um pouco dos sabores que hão de ter os policias d'esta cidade com as investigações sobre este horroroso crime.

Vamos immediatamente a Washington Street em busca de alguns detalhes sobre o caso.

Supponho que o chefe da policia nada terá que oppôr á nossa collaboração n'este assumpto.

Conhecemo-nos de ha muito, e estou convencido que estimará que eu me encarregue de desvendar o mysterio que envolve este crime.

Os dois policias tomaram logar em um trem que passava muito a proposito n'aquella occasião e alguns minutos depois achavam-se na presença do chefe da policia de Baltimore, Mc. Mike Harcouth.

O alto funcionario mostrou-se muito satisfeito por travar conhecimento com o celebre policia e o seu discipulo.

E foi com toda a lealdade e maior franqueza que se dirigiu ao celebre policia nos seguintes termos:

— Alegra-me infinitamente, disse elle depois de informado do fim da visita dos dois policias, que se decide a empregar a sua intelligencia e o seu precioso tempo no esclarecimento do caso Danforth. Os assassinios de rapazes tem-se succedido ultimamente com grande frequencia n'esta capital.

«E' este o quinto caso que se regista no periodo de trez mezes e o peor é que até agora não se descobriu o minimo indicio que nos possa levar á descoberta dos criminosos.

«Como é natural, este facto põe os habitantes de Baltimore em constante sobresalto e além d'isso a imprensa ataca incessantemente as autoridades, pondo-as em ridiculo pela sua manifesta impericia na descoberta d'estes crimes tão horribes como mysteriosos.

«Creia que por tudo isto, aprecio muito a sua valiosa cooperação, senhor Holmes, e se está realmente decidido a occupar-se de valer d'este caso, facilitar-lhe-hei assim como ao seu discipulo todos os papeis e documentos necessarios a destruir-lhe todos os obstaculos no exercicio da sua profissão. Entregar-lhe-hei mais uma ordem por escripto para poderem prender quem lhes parecer suspeito.

— Senhor Harcouth, retrucou o policia, acceite

os meus mais sinceros agradecimentos pela sua amabilidade e supplico-lhe que nos dê esses documentos o mais depressa possivel.

«Assim, poderei trabalhar com mais segurança, removendo facilmente qualquer difficuldade imprevisita.

— Vou dar ordem ao meu secretario para que trate immediatamente d'esse assumpto, retorquiu Harcouth dirigindo-se ao gabinete contiguo.

Voltando para junto dos policias, proseguiu:

— Passarei agora a explicar-lhes o que pudemos averiguar sobre o caso Danforth.

O que o chefe da policia lhes disse, não era muito mais do que diziam os avisos.

Juntou-lhes contudo umas indicações ácerca das pessoas que tinham encontrado o cadaver mutilado no parque.

Duas pessoas porem não podiam estar em relações com os criminosos auctores do barbaro attentado, porque se tratava dos guardas do parque, veras respeitaveis e incapazes de semelhante crime.

O que os policias notaram de mais interessante foi a noticia de que só se poderá reconhecer a identidade do morto devido a uma hernia que tinha na virilha direita, de tal modo o corpo se encontrava mutilado.

Tambem se conseguira descobrir o enfermeiro que tratara do mancebo.

Tanto este como o medico do hospital israelita, chamado Barry, haviam reconhecido, com toda a certeza, no cadaver, o doente que tinham curado.

Havia-se procedido a um interrogatorio aos parentes da victima que viviam em Washington-Street, e tambem elles reconheceram o seu sobrinho e pupilo Carlos Danforth.

— E os cadaveres dos outros quatro achavam-se mutilados como o de Danforth? perguntou Sherlock Holmes.

— Sim, senhor, replicou o sr. Harcouth. Este facto levava-nos a suppôr que todos estes crimes foram perpetrados pela mesma mão, tanto mais que o processo empregado tem sido identico e a circumstancia de se terem encontrado os cadaveres em logares publicos ou nos arredores da cidade parece corroborar a nossa hypothese.

Sherlock Holmes ficou um pouco pensativo e apoz leves momentos interrogou:

— O joven Danforth pertencia a boa familia? Os paes gosam de boa situação?

— Póde-se dizer que são ricos; constituem uma das familias mais respeitaveis de Maryland. James Danforth, o pae do desventurado mancebo, é dono de uma grande fabrica de cerveja e vive em Rockville, pequena povoação perto de Baltimore.

«Como ali não ha bons collegios, viu-se obrigado a trazer para esta cidade seu filho unico e herdeiro.

—Disse-me que o mancebo vivia em casa de um parente. Não teria elle algum interesse na morte do mancebo? Não o impedia de herder a seu tempo a fortuna dos Danforth?

—Essa supposição é admissivel, pois como já disse, o morto era filho unico de um pae rico, e é claro que por morte de ambos, essa importante fortuna havia de passar para as mãos de um simples empregado dos caminhos de ferro, irmão do abastado Danforth, em cuja casa vivia o desventurado moço.

—Havia relações ou parentescos identicos nos casos registados anteriormente?

—Pelo contrario, as outras victimas pertenciam a familias pobres.

—N'esse caso, deve-se supôr que foi outro o mobil do crime.

—E' possivel, senhor.

N'aquelle momento, entrou um guarda no gabinete do chefe da policia, annunciando a visita de um cavalheiro que desejava falar ao sr. Harcourth sobre o caso Danforth.

O chefe de policia recebeu o sem demora.

Era um homem gordo, de rosto muito corado, devido provavelmente ao abundante consumo da cerveja.

Parecia muito commovido e immerso em profunda dôr.

Os olhos inchados e pisados mostravam claramente que tinha chorado.

—Chamo-me James Danforth, disse o recém-chegado cumprimentando o chefe da policia. Sou o pae do infeliz moço que foi encontrado morto no parque. Logo que recebi a horrorosa noticia vim a Baltimore, onde tenho estado em casa de meu irmão, que é empregado dos caminhos de ferro, para que elle ou sua esposa me informassem se meu filho teria dito alguma coisa d'onde se pudesse deduzir onde tinha tencionado ir na noite de 24 ou com quem se iria encontrar. Ao mesmo tempo, desejava que me dissessem quaes eram os companheiros de Carlos, porque as más companhias são muito prejudiciaes e meu filho possuia um caracter tão bondoso e affavel, que se fiava em toda a gente.

—E que lhe disse seu irmão? perguntou o chefe da policia?

—Que Carlos só se dava com rapazes da sua idade pertencendo a excellentes familias.

«Informou-me que nunca se ausentava de casa por muito tempo, e minha cunhada declarou-me tambem que meu filho saia quasi sempre com ella ou com seu marido.

«Contudo na noite de 24 saiu só sob o pretexto de

ter que ir a casa de um amigo para lhe dizer quaes os themas que deviam fazer no dia seguinte.

«Meu irmão pensou que não podia impedir-o de sair, a casa do amigo era muito perto e só tinha que percorrer as ruas centraes e animadas para ahi se dirigia.

—Foram essas as declarações que fizeram os Danforth ao nosso primeiro criminalista, sr. Willis Curdroy, tornou a chefe da policia. Disseram tambem que se assustaram sobre modo vendo que o mancebo não voltava a casa n'essa noite, nem durante todo o dia seguinte, e acrescentaram que logo que souberam que Carlos não tinha estado em casa do referido amigo, teriam dado immediatamente parte á policia do seu desaparecimento, se não houvessem supposto que tivesse tomado o comboio das nove para ir fazer uma surpresa a seu pae em Rockville.

«Dizem que o mancebo soffrera sempre de nostalgia e que muitas vezes manifestava um subito desejo de visitar seus paes.

—Isso é verdade, exclamou o sr. James chorando. O pequeno idolatrava a mãe que por sua vontade nunca o teria mandado para Baltimore... Oxalá tivesse seguido os seus conselhos!... mas queria dar a meu filho uma educação esmerada o que não era possivel effectuar em Rockville.

«Ah!—e os olhos do afflicto pae despediram clareiras enquanto a voz tremia de commoção,—o monstro que matou o ente a quem mais amava n'este mundo ha de pagar o seu crime. Não descansarei em quanto não encontrar o miseravel embora para isso tenha de sacrificar toda a minha fortuna, eu mesmo o quero entregar ao verdugo... Ainda que fosse meu proprio irmão!

O chefe da policia mostrou-se surprehendido.

—Essas ultimas palavras que proferiu produziram-me uma impressão singular, disse elle. Tem por acaso alguma suspeita de seu irmão o sr. Nill Danforth?

«Quando fazia esta pergunta, o policia fitava attentamente o rosto do fabricante de cerveja.

Parecia que esperava ansiosamente ouvir-lhe proferir uma palavra que lhe servisse de ponto de partida para as primeiras pesquisas.

Este dir-se-hia que sustentava intimamente uma grande lucta.

Moveu varias vezes os labios para responder, mas conservou-se silencioso, como se não pudesse articular as palavras ou não se atrevesse a falar, mal d'aquelle que tinha o mesmo sangue que elle.

Afinal, apoz um grande esforço disse em voz baixa:

—Não posso negar, senhor Harcourt, que não me fio muito em Bill.

«Uma horrorosa suspeita se apoderou de mim, em

sua casa quando o fui procurar, e durante a conversação que tive com minha cunhada. Esta suspeita atormentava-me, mas não posso afastal-a do espirito, por mais que o tente.

—Não o encontrei em casa, e perguntando a sua mulher onde tinha ido, a sua resposta hesitante fez-me nascer no cérebro ideias estranhas e horribes.

—Minha cunhada não pôde occultar um certo receio; tremia-lhe a voz e passados uns momentos de reflexão disse-me, muito embaraçada, que ignorava onde estava seu marido e que talvez se houvesse suicidado devido ao desgosto que lhe causara a morte de um filho.

—E parece-lhe muito inverosímil esse facto? perguntou Sherlock Holmes tomando parte na conversa. Pode-se suppor que as relações entre tio e sobrinho foram sempre muito affectuosas, porque de outro modo, certamente não teria confiado o seu unico filho aos cuidados de seu irmão.

—Effectivamente, retorquiu o fabricante de cerveja. E acreditei sempre que Bill queria tanto a meu filho como se fosse seu.

—O que foi que o levou a mudar tão radicalmente de parecer?

—Uma extranha descoberta que fiz no gabinete de meu irmão poucos momentos antes de sair de sua casa.

Segundo os avisos que puseram nas esquinas, quando Carlos saiu pela ultima vez de meu irmão, levava um relógio, recordação de familia: é relógio que durante successivas gerações tem passado de pae para filho. Interroguei a este respeito minha cunhada que me affirmou que Carlos tinha consigo o relógio quando saiu de casa na noite fatal.

«Pois bem; imaginem a minha surpresa, ou antes o meu assombro, quando por acaso vejo o relógio dentro de uma jarra em cima do fogão.

«Estive prestes a dar a conhecer o meu espanto, mas consegui com grande custo dominar-me e reprimir o meu primeiro impulso que era tirar a joia d'onde estava, e levá-la.

A circumstancia de ver o relógio escondido n'um sitio onde ninguem daria com elle, fez brotar na minha alma uma horriavel suspeita. Por mais que faça, não posso banil-a do cerebro. Essa descoberta é o motivo da minha visita: vim aqui, senhores, para lhes dizer isto e para que tomem tambem na devida conta a ausencia de meu irmão, ausencia que não deixa de ser significativa.

«A meu vêr existe alguma relação entre meu irmão e o crime e não pôdem deixar de convir que a descoberta do relógio compromette bastante meu irmão.

—Tenha a certeza, senhor Danforth, disse o chefe da policia, que a autoridade envidará todos os es-

forços para descobrir e castigar os auctores de um crime tão abominavel.

Em seguida approxinou-se da secretária onde se encontravam já os documentos destinados a Sherlock Holmes, e depois de os assignar entregou-os ao celebre policia.

Este guardou-os na algibeira, agradecendo a amabilidade do funcionario, mas antes de se despedir do sr. Harcourt e do desventurado fabricante de cerveja, approxinou-se-lhe e collocando a mão sobre o seu hombro, disse:

—Parece-me que está um pouco enganado com respeito a seu irmão. E' certo que a descoberta do relógio o torna suspeito, mas por outro lado, não se pôde acreditar que um homem na posição do sr. Bill Danforth haja commettido os crimes anteriores, que a meu ver foram perpetrados pela mesma mão.

—Tambem é esse o meu modo de ver n'este caso, disse o chefe da policia. O destino proporcionou-lhe um grande desgosto, é certo, mas não creio que seu irmão esteja implicado n'este crime. Tenho a plena convicção que este meu amigo, e designou Sherlock Holmes, conseguirá dentro em pouco demonstrar a innocencia de seu irmão e descobrir o verdadeiro assassino.

—Espero igualmente obter de prompto um resultado decisivo, redarguiu Sherlock Holmes, mas ha de ser com a condição de me prometter, senhor Harcourt, que não intervirá absolutamente nada nos meus actos nem nos do meu ajudante. Preferimos sempre trabalhar independentes. Peço igualmente ao sr. Danforth para que se não ocupe mais do assumpto, e confie em nós. O unico serviço que pôde prestar-nos é dar-nos quanto antes uma photographia do seu desgraçado filho. Prestar-me-ha bom auxilio nas minhas investigações.

«O sr. Harcourt lhe confirmará que pôde ter toda a confiança em mim.

—Oh! não é necessário, exclamou o sr. Danforth, que havia momentos procurava recordar-se onde tinha visto o celebre policia. Ou me engano muito ou o senhor é o genial policia Sherlock Holmes de Londres, cujo retrato vi recentemente nas illustrações americanas.

—Assim é, senhor Danforth: chamo-me Sherlock Holmes e agradeço-lhe essa communicação; procurarei tomar immediatamente as medidas necessarias para que mais ninguem me reconheça em Baltimore.

«Pôde dar-me a photographia de Carlos?

O sr. Danforth metteu a mão na algibeira.

—Aqui tem o que deseja, disse tirando da carteira um retrato embrulhado em papel de seda; mas, acrescentou com a voz tremula, espero e supplico-

lhe que m'io devolva, porque é o unico que posso de meu pobre filho.

«Rogo-lhe, senhor Holmes, que envie todos os esforços para encontrar o infame assassino, para vingar, pelo menos o sangue innocente do meu desventurado Carlos.

O policia, sem responder, apertou-lhe a mão. Em seguida elle e Harry Taxon cumprimentaram os dois homens e retiraram-se do gabinete da primeira autoridade policial.

CAPITULO II

A primeira pista

—Agora para o hotel, disse Sherlock Holmes ao discipulo logo que chegaram á rua. Felizmente que ainda lá temos as bagagens. Disfarçar-nos-hemos immediatamente. A celebridade é perigosa para um policia e é urgente que nenhum jornalista nos conheça.

«Estamos em face de mais um crime repugnante e monstruoso. Temos de proceder rapidamente e com as maiores precauções, porque me parece que o criminoso é dos mais astutos e atrevidos. Disfarçemo-nos de forma que illudamos as vistas mais perspicazes, e mãos á obra.

Uma hora depois, saíam dois homens do hotel de Londres, em Baltimore. Tinham o aspecto de commerciantes e dirigiram-se para Harrison Avenue.

—Tambem nós vamos visitar a senhora Danforth, disse o mais velho; talvez o marido já regressasse e possa explicar-nos satisfatoriamente o motivo da sua ausencia.

O sr. Danforth residia no quadregésimo andar de um dos ultimos predios de Harrison Avenue, pouco distante de Druid Hill Park.

O bairro produzia excellente impressão e parecia ser habitado unicamente por familias distinctas.

Muito perto era o bairro dos estudantes, onde havia um sem numero de restaurantes; desde o de preços razoaveis até á mais infima taberna, servida por camareiras.

Chegados á porta do quadregésimo andar do predio numero 10, bateram, mas ninguém lhes veio abrir.

Bateram repetidas vezes sempre com igual resultado; a casa dir-se-ia sem ninguém.

Disponham-se a retirar-se quando abriram a porta da casa fronteira, apparecendo uma senhora de certa idade.

Com alguma curiosidade perguntou o que aquelles senhores desejavam.

—O sr. Danforth ou a senhora não estão em casa? perguntou Sherlock Holmes.

—Acham-se ausentes, respondeu a vizinha.

—Mas a senhora Danforth ha uma hora estava ainda em casa?

—E' certo, senhor, mas teve de sair. A pobre mulher parece louca desde a morte do sobrinho.

—Póde fornecer-me alguns detalhes sobre o que succedeu? perguntou Sherlock Holmes.

—Dir-lhes-hei o que sei com muito gosto. Tenham a bondade de entrar.

Os dois policias aceitaram o convite da dama.

Apenas se sentaram, a dona da casa dirigiu-lhes uma infinidade de perguntas sobre o fim da sua visita a casa dos Danforth.

—Os senhores pertencem com certeza á policia? foi a primeira pergunta. Veem sem duvida para averiguações, a respeito do crime que tem sobressaltado toda a população? Receio que os Danforth estejam implicados no crime. Porque desapareceu Danforth logo que se encontrou o cadaver? Ninguém, nem a propria esposa sabe para onde elle foi.

«Porque se mostrou ella tão receiosa e reservada? Porque se ausentou? Não me parece que tudo isto seja devido apenas ao desgosto que esta desgraça lhes causou...

«Aesposa de Danforth disse que receiava que seu marido se houvesse suicidado para não ouvir as censuras que certamente lhe dirigiria o irmão por não ter tido maior cuidado no rapaz e quando hoje recebeu a visita do sr. Danforth de Backville, o pae do desventurado moço parecia entregue ao maior desespero. Mas ainda que se supponha que o inesperado visitante lhe dirigisse algumas censuras, não me parece que isso seja motivo para pensar em suicidar-se...

—Não creio que nem um nem outro tenham tido a intenção de attentarem contra a existencia, retorquiu Sherlock Holmes, e supponho que a sua perturbação é devida a alguma outra coisa. O sr. Danforth é empregado dos caminhos de ferro e certamente tem um ordenado pequeno. E' possivel que tivesse dividas e os credores os incommodassem.

—De facto, viviam com alguma difficuldade e ostentavam um luxo que não correspondia ao ganho de um empregado dos caminhos de ferro.

«A senhora Danforth porem disse-me uma vez que esperava receber uma grande herança.

«Quem sabe se essa herança lhe seria entregue depois da morte de Carlos Danforth, visto que o pae não gosa de muita saude, segundo parece.

—Póde affirmar que a senhora Danforth se referiu, conforme disse, a uma herança? perguntou Sherlock Holmes. Peço-lhe que só diga o que sabe, pois

somos agentes da policia e pôde tornar-se necessario ter que ratificar as suas declarações perante o tribunal.

—O que lhe declarei, é a pura verdade. Mas vou tentar não falar demasiado. Sei comtudo mais do que a policia supõe. Depois de ler hoje o cartaz onde se fala do crime, tive a intenção de me dirigir á policia para fazer algumas declarações, mas como os senhores aqui vieram, apresentar-lh'as-hei, o que vem a dar na mesma.

«No dia 25 de manhã, ás oito horas aproximadamente, segundo o meu costume, passeiava em Druid Hill Park, que, como sabem é perto d'aqui.

«O tempo estava primaveril; a brisa agradável e o meladoso trinar dos passaritos fizeram-me prolongar mais do que costumo o meu passeio matutino.

«Raras vezes visitara o parque pelo lado de Jones Creek, que é pouco frequentado e deserto áquella hora da manhã.

«Desejava porem conhecer os arredores, portanto, acompanhada pelo meu cão atravessei varias ruas sem encontrar pessoa alguma; de subito o animal começou a ladrar.

«Promptamente descobri o motivo da sua inquietação.

«A pouca distancia vi dois homens que conversavam em voz baixa e se aproximavam de Jones Creek, um riosito medonho.

«Ainda que os homens trajassem decentemente, perceberam-me supeitos. Um d'elles levava um embrulho escondido debaixo do casaco, e parecia bem pesado.

«De vez em quando voltavam-se, mas não puderam ver o meu cão, que tomara nos braços para o socorrer.

«Vi perfeitamente os homens subirem a ponte por cima do Jones Creek. Páramos ahi um momento: o que levava o embrulho inclinou-se para a frente deixando-o cair na agua.

«Em seguida deitaram ambos a correr, desaparecendo no lado opposto do rio.

«Aproximei-me da agua, occulta por detraz de umas arvores, mas nada vi.

«Depois de ler o aviso da policia ha pouco mais de uma hora, occorreu-me a ideia de que o mysterioso embrulho podia conter partes do corpo do desgraçado moço, cujo cadaver foi encontrado pelos guardas precisamente n'aquella parte do parque.

E a boa mulher tendo feito estas declarações com a maior clareza, sentia-se bastante commovida, manifestando o desejo de que os policas descobrissem os auctores de tão repugnante crime.

—A declaração que acaba de fazer é muito importante, disse o policia que escutara com o maior interesse a narrativa da velha solteirona. Pode dizer-me que figura tinham os dois homens?

—Oh! sim, replicou miss Miles; olhei bem para elles. Um era alto, de hombros largos, muito pallido e de barba grande negra, teria uns 45 annos.

«Trajava fato escuro e usava chapu de côco.

«O outro era baixo e a expressão do rosto era a de um imbecil. Tinha cabello e bigode louro, vestia um fato cinzento de riscas e o chapu molle, escuro, caia-lhe sobre os olhos.

«O andar era cambaleante como se houvesse passado a noite a beber.

«O que mais me attrahiu a attenção foi a falta de metade da orelha direita, o que notei perfeitamente.

Sherlock Holmes levantou-se da cadeira.

—Agradeço-lhe muito as suas interessantes declarações, disse elle cumprimentando a dama. Servir-nos hão nas nossas futuras investigações e é muito possivel que a senhora tenha direito a uma parte da recompensa, se as suas indicações nos auxiliarem a descobrir os criminosos.

«Para que veja que estou auctorisado a interrogar sobre este assumpto, peço-lhe que tenha a bondade de ler este documento.

Satisfeita e orgulhosa, a velha fez uma reverencia algo comica, dizendo estar muito alegre por não ter necessidade de ir ao commissariado, já que havia prestado declarações em sua propria casa.

—Miss Miles, disse Sherlock Holmes, o que lhe peço é que não fale a pessoa alguma acerca da nossa visita. Trata-se de criminosos altamente perigosos que não só commetteram o crime de que foi victima este mancebo, mas ainda os quatro anteriores.

«A mais pequena indiscreção deitaria a perder os trabalhes que vou encetar para chegar á descoberta dos criminosos, que por seu lado hão de empregar todos os meios para não dar contas á justiça dos crimes que praticam. N'isto, como em tudo, o segredo é a alma do negocio; portanto nem uma palavra, absoluto silencio, e tudo irá pelo melhor.

«Dou-lhe este conselho no interesse da sua propria segurança, pois se os assassinos sabem que foi a senhora quem os descobriu, hão de vingar-se de si. E' portanto muito conveniente que guarde o mais absoluto segredo.

Miss Miles assustou-se.

A velha faladora jurou por todos os santos do ceu e todos os demonios do inferno que não diria a pessoa alguma uma unica syllaba do que tinham falado e os dois policas retiraram-se certos de que o solteirona não relatara a ninguém a sua visita.

—Vamos agora a Druid Hill Park, disse Sherlock Holmes a Harry quando chegaram á rua. Inspeccionaremos o local onde foi encontrado o cadaver. Os guardas do parque explicar-nos-hão como deram com o funebre achado.

Pouco depois encontravam-se no parque, que era um dos mais antigos e bellos da capital.

Era meio dia, caminhavam pelas ruas floridas e o sol estava quente.

Poucos momentos depois passou por deante dos nossos policiaes um velho com o uniforme de guarda do parque.

—Olá, guarda, exclamou o policia. Póde dispor de um momento?

—Que deseja? perguntou o interpellado. Como sabem é meio dia e só posso dispôr de alguns momentos,

—Desejava que me mostrasse o local onde se encontrou o cadaver mutilado do joven Danforth.

—Vem em má occasião! E' o senhor a decima pessoa que me dirige a mesma pergunta em pouco tempo, retorquiu o guarda com mau humor. Temos mais que fazer do que satisfazer a curiosidade dos transeuntes.

E dispunha-se a voltar as costas e proseguir o seu caminho, quando Sherlock Holmes o segurou por um braço, fazendo-o parar.

—Não se enfade, senhor, replicou o policia sorrindo e mettendo um dollar na mão do velho, ao mesmo tempo que tirava do bolso o seu bilhete de identidade.

Depois proseguiu:

—Supponho que em vendo o que diz este documento, não se negará o realisar o meu desejo.

O guarda, tendo passado a vista pelo documento, mudou de maneiras, e mais condescendente, entregou-o, sorrindo, ao seu interlocutor.

—Naturalmente, exclamou o guarda mudando de tom. Dar-lhes-hei as explicações que desejam com o maior prazer.

E dirigiu-se seguido pelos dois policiaes para o local do achado.

Passados alguns minutos encontravam-se na parte posterior do parque, onde Miss Miles passeiara com o seu cão na manhã do dia 25.

A alguma distancia viam já a agua e a balaustada da ponte. Quando chegaram perto de Jones Creek o guarda parou.

—Foi aqui que na tarde do dia 25, das quatro para as cinco horas tirámos da agua um grande embrulho envolto em um trapo. Varias vezes por semana limpamos o leito d'este riosito com uns paus grandes que tem nas extremidades ganchos de ferro; não podia portanto passar-nos despercebido o enorme embrulho. Compreendemos immediatamente que aquelle trapo continha qualquer coisa horrorosa.

«O trapo estava todo sejo de sangue e apalmando notava-se que tinha dentro partes de um corpo humano.

«Ainda assim, apesar das nossas suspeitas, os senhores hão de comprehender como ficámos estupefa-

ctos vendo com os nossos proprios olhos que as desconfianças se convertiam em realidade.

«Asseguro-lhes, senhores, que o espectáculo que se nos offereceu era tão horrivel que não encontro palavras para descrevel-o. Haviam cortado os braços e as pernas com uma habilidade que bem parecia a obra de um consummado perito no assumpto.

—Como explica a presença do embrulho no rio? perguntou Sherlock Holmes.

—Foi sem duvida arremessado da ponte, d'onde estava proximo. Os miseraveis tinham-lhe posto algumas pedras para que não viesse á superficie e effectivamente o assassinio só mais tarde se descobriu se não se tivesse dado a coincidência de limpar o rio no dia 25.

—E desde a occasião em que effectuaram essa descoberta, não notaram no parque nenhuma pessoa suspeita?

—Nada vi que me despertasse a attenção, retorquiu o guarda, e creio que os criminosos não iriam passar por aqui; devem encontrar-se muito longe d'estes sitios.

—Não creia n'isso, meu amigo, volven Sherlock Holmes que, ao mesmo tempo que se dirigia ao guarda olhava attentamente para a direita e para a esquerda. E' uma verdade que se tornou proverbial que o criminoso volta sempre ao local do crime. E é isso que perde os malvados.

—Olha para a direita, disse em voz baixa a Harry Taxon sem voltar a cabeça. Não vês um homem do lado de lá do rio, que meio occulto pelas arvores, nos está observando? Não parece o companheiro do que vestia fato negro e usava barba preta, que Miss Miles nos descreveu?

Sem chamar a attenção, Harry voltou-se para o sitio indicado. Passado um instante o joven corria como um gamo, atravessando a ponte e aproximando-se do arvoredor, afim de se apoderar do homem que se tornara suspeito.

O assombro do guarda chegou ao auge vendo Sherlock Holmes correr como louco atraz do mancebo.

O pobre guarda, passado o primeiro momento de espanto, julgou que devia seguir o exemplo dos seus dois interlocutores, e reunindo as poucas forças de que podia dispôr, deitou igualmente a correr; eram portanto trez que perseguiam o homem mysterioso.

O velho guarda depressa perden de vista Sherlock Holmes e Harry Taxon.

Ambos seguiram os passos do fugitivo com espantosa agilidade.

Correram pelas ruas e pelos canteiros, atravessaram bosques e prados, mas á medida que avançavam acercavam-se dos bairros afastados de Baltimore, bairros onde morava gente de infima cathogoria, e em ge-

ral, todos aquelles que tinham que occultar-se durante o dia.

Era ali que devia viver o fugitivo.

Os dois policias pareciam ter trocado a promessa muda de não permitir que o fugitivo alcançasse esses bairros e dar-lhe caça dentro do parque.

Um pela direita, outro pela esquerda, os dois policias iam progressivamente apertando o circulo.

Era questão apenas de alguns minutos: o perseguido havia de cair irremediavelmente nas mãos dos perseguidores, mais agéis do que elle.

Por fim comprehendendo que a situação se tornava critica, o homem puxou subitamente pelo revolver fazendo fogo sobre os policias.

Não atirava mal, porque as balas quasi que roçaram pelas suas cabeças.

Em vista da attitude do criminoso Sherlock Holmes decidiu adoptar identicas medidas.

Puxou do seu Browning, e em menos de um segundo o perseguido soltou um rugido de fera, rolando pelo sólo: estava ferido em uma perna.

Um instante depois os policias encontravam-se ao seu lado.

A ferida era insignificante.

Repôsto da primeira impressão, o desconhecido quiz renovar a fuga, mas era já tarde: Sherlock Holmes e Harry tinham-no seguro.

—Alto! exclamou o policia enquanto o discipulo o prendia com as algemas. Antes de te soltar temos que tratar de um assumpto bastante sério.

Tu és o mesmo patife que na manhã de 25, pelas oito horas, acompanhado de outro individuo, estavas no mesmo sitio onde hoje te encontramos. Foste com o teu companheiro á ponte d'onde arrojaste á agua um embrulho feito em um panno.

«Não offerece portanto duvida que foste um dos infames que na noite de 24 para 25 assassinaram o infeliz Carlos Danforth, cortando-lhe o corpo em pedacos para o fazer desaparecer nas aguas turvas de Jones Creek.

O homem, ouvindo estas palavras, teve um ligeiro estremecimento, e lançou um mau olhar ao nosso policia, que o observava attentamente.

—Está doido ou bebedo? gritou o prisioneiro furioso, procurando soltar-se. Ha de pagar-me caro este ferimento. Saiba que na manhã de 25 não me approximei sequer de Druid Hill Park.

—Mentes, miseravel! A pessoa que te viu deu tão detalhadas informações a teu respeito, que é impossivel qualquer engano. Primeiro do que nada, denuncia-te a tua orelha direita, de que não te resta senão metade, de modo que será bem melhor que não perzistas em negar e confesses tudo.

«Ora, para teu interesse melhor é que confesses a

verdade, e denuncies o teu cumplice, porque assim obterás uma atenuante.

«Não estamos aqui para brincadeiras; e se prosegues resistindo, procederemos de outro modo.

—Estou completamente innocente do crime de que o senhor fala, exclamou o preso quasi a chorar. Posso provar que na noite de 24 para 25 em que segundo se diz, o crime foi perpetrado, não me foi possivel ter tomado parte n'elle.

—Dado o caso de não teres sido tu o assassino de Carlos Danforth e dos outros jovens antes d'elle, deve ter sido o teu companheiro de barba negra que contigo arremessou o embrulho á agua.

Como o homem não desse resposta, o policia proseguiu:

—Se não quizeres responder, obrigar-te-hei a falar.

E ao mesmo tempo que proferia estas palavras tirou da algibeira um *boxer* com que deu alguns golpes no teimoso.

O homem torcia-se com dores e mordia os labios para não gritar.

O policia porém continuava a maltratar-o, até que por fim o criminoso se lhe ajoelhou aos pés, erguendo as mãos e pedindo-lhe graça.

—Está bem, amigo, exclamou Sherlock Holmes sorrindo. Basta. Queres outra razão?

—Confessarei tudo que quizer saber, tornou o homem da meia orelha; mas não me bata mais que me quebra os ossos. O que é que desejas saber?

—Assim é que eu gosto, redarguiu o celebre policia tirando um frasco de cognac do bolso. Vaes vêr que se te portares bem não sou tão mau como julgas.

Aqui tens, bebe. Depois has de recordar-te melhor do que succedeu durante a noite fatal.

O miseravel bebia com tal avidez, que se o policia o não impedisse, teria esvasiado o frasco.

—Basta, amigo, exclamou Sherlock Holmes tirando-lhe o frasco. Não convém que te embriagues, aliás inventarias historias que ninguém seria capaz de entender.

«Vamos ao assumpto e não esqueças que se proseguires na tua teimosia, receberás mais pancada.

«Quem era o homem de barba preta que te acompanhava?

—Senhor, pôde matar-me, se quizer, mas não lhe posso responder, retorquiu o malvado.

—E' algum teu amigo? tornou a perguntar o policia ameaçando-o com o *boxer*. Bem vêes que estou informado de que no domingo estiveram falando como bons amigos que teem confidencias a fazer e em seguida ao embrulho desapareceram no rio, fugiram ambos. Certamente ha muito tempo que se conhecem.

«Fala, infame; a astucia de nada te ha de valer.

E aconselho-te que fales aqui, porque mais difficil

te ha de ser fazel-o perante o juiz de instrucção. Ainda te é dada a escolha, mas uma vez no tribunal estás perdido.

O bandido, vendo que nada teria a ganhar continuando a negar, e alem d'isso receiando nova dose de murros applicados com a pericia de tão habil *boucœur* resolveu-se a fazer declarações.

—Pois bem, direi o que sei. Conheço esse homem da barba preta desde o dia 24 em que o vi pela primeira vez em uma taberna de decima classe perto da estação do Norte. Acompanhava-o um mancebo de uns quinze annos que dormia profundamente, talvez porque o homem o tivesse embriagado.

«Quando me sentei á sua mesa perguntei-lhe quem era o rapaz e respondeu-me que era seu sobrinho e que ia conduzi-lo a Wilmington, em New Jersey, para o entregar a seus paes.

—A que horas se deu esse facto?

—Das onze para o meio dia approximadamente.

—Que aspecto apresentava esse mancebo? Seria este? e Sherlock Holmes apresentou a photographia que lhe dera o sr. Danforth.

Depois de a examinar o homem retorquiu:

—Sim; era este.

—Disseste-me que tinhas encontrado o homem da barba negra na taberna com o mancebo; isto quer dizer que não foste para ahi com elle.

—Quando entrei na taberna, já o homem lá devia estar ha bastante tempo, e se mintu que os diabos me levem para o inferno.

—Quanto tempo estiveram juntos?

—O maximo, meia hora. Retirei-me porque tinha outro assumpto a tratar, tinha uma visita nocturna projectada.

Até ás quatro horas da madrugada tinha muito que fazer, o negocio porém era bom. Em seguida fui festejar o feliz exito da minha excursão, de modo que ás sete estava completamente embriagado.

«O que offerece pois de particular que me appetesce respirar o ar fresco de Druid Hill Park?

«Entre no parque por aquelle lado, mas apenas dera alguns passos, deparei com o homem da barba negra sobraçando um grande emburullo.

—Que levas ahi dentro? perguntei-lhe. Vens carregado como uma azemola e falta-te a respiração.

—Imbecil, respondeu elle. Que maneira tão estúpida de fazer perguntas. O que queres que seja? O rapaz com quem me viste na taberna revoltou-se contra mim quando o quiz conduzir ao caminho de ferro e dirigiu-me innumeradas censuras por tel-o levado á taberna.

«Então, cego de furor, dei-lhe tão grande sova que o tornei obediente para sempre. Agora, como é natural, convém-me desfazer-me do rapaz para que não me comprometta,

«Levei-o portanto para um sitio deserto, despie-o, cortei-o em boccados e metti-os n'um panno juntamente com algumas pedras para que desapareça tudo no rio.

«E como chegas tanto a proposito, receberás dez dollars se quizeres ajudar-me a lançar o fardo ao rio, porque, estou realmente fatigado, e já me tarda deixal-o para sempre na sua humida sepultura.

—Avalia agora, senhor, juntando a sua narrativa, se podia negar-me a ajudar o homem a atirar com o emburullo ao rio, quando me pagou esplendidamente os meus serviços.

«O que se seguiu nada tem de particular, era logico que fugissemos a toda a pressa e o que sinto é que não fossemos mais prudentes, pois teriamos evitado que nos dessem com a pista.

—Porque te não apresentaste á policia para receberes os 3.000 dollars?

Isso não admitte discussão se fosses realmente innocente do crime.

—Comprehendo que esse facto o admire, mas como já lhe disse tive outros negocios na noite de 24 para 25... Não é muito facil uma pessoa apresentar-se á policia quando não tem a consciencia tranquilla...

«Repito que não tomei parte no assassinio; tenho commettido muitas *travessuras*, mas nunca matei ninguém.

«Não tenho desejo algum de deixar este mundo. Se duvida das minhas palavras quando lhe assevero que não estive nem uma hora em companhia do homem da barba preta na noite de 24, pôde informar-se na taberna da estação do Norte. A camareira, que é a amante d'esse homem, poderá confirmar as minhas affirmações.

Ella lhe dirá que sai da taberna ás onze horas.

—Pois vamos até lá, retrucou Sherlock Holmes chamando o guarda do parque que se approximava. Este excellento homem vae-nos buscar] um trem fechado onde poderemos seguir sem attrahir a attenção.

O policia explicou ao guarda o que se passava, reiterando-lhe o pedido de ir em procura de um trem.

Antes de haver decorrido um quarto de hora, os dois policiaes, acompanhados pelo preso, approximavam-se com toda a rapidez da taberna situada proximo da estação do Norte.

CAPITULO III

O interrogatorio na taberna

O bairro onde se encontra a estação do Norte é um dos mais miseraveis de Baltimore. O trem parou

em frente de um prédio sujo situado em uma travessa habitada por gente de pessi-mos antecedentes e de-veras suspeita.

O local em que Buck-Lorne, assim se chamava o homem da meia orelha, pretendia haver encontrado o homem com o rapaz, era no subterrâneo da casa.

Uma escada em estado de ruína conduzia ao quarto, cuja porta e janelas se achavam tapadas por cortinas encarnadas pouco limpas.

Era muito cedo e não havia portanto freguezes na taberna, circunstancia que era de-veras favoravel a Sherlock Holmes e a Harry Taxon, porque do contrario os bandidos, companheiros do preso, não tardariam a restituir-lhe a liberdade, embora para isso lhes fosse necessario empregar armas de fogo.

A inesperada presença dos policiaes com o preso causou enorme sobresalto ao taberneiro e ás suas empregadas, as camareiras.

Buck-Lorne designou immediatamente a amante do homem da barba preta.

Era uma mulher de bom typo, embora o rosto apresentasse signaes evidentes do excesso do alcool. Tudo na sua attitude indicava o atrevimento. Sherlock Holmes aproximou-se-lhe.

Apenas a mulher soube o que desejavam os agentes da policia, pois logo os tomou como taes, soltou uma gargalhada, exclamando muito decidida:

—Que me importa essa féra humana de quem falla este imbecil?

«E' certo que estever aqui na noite de 24, com um rapaz alto, forte, louro, com fado cinzento e bem bonito».

«Não é verdade, Betsy? perguntou a outra camareira que curiosa por saber o que se passava, havia entrado no aposento.

—Assim é, Kitty, retrucou a interpellada, até ficámos surprehendidas vendo aqui um rapazinho tão bonito e decente.

—Pela minha parte acrescentarei, exclamou o sr. Riley, o taberneiro, tomando parte na conversa e dirigindo-se ao policia, que me teria apressoado a pôr na rua o homem e o rapaz, se aquelle não me houvesse affirmado que era um parente seu e que tinha que o acompanhar a Wilmington.

«E' assim devia ser, porque o rapaz, que parecia estar completamente embriagado, respondeu affirmativamente ás minhas perguntas.

—Sabe senhor Riley, ou pelo menos suppõe quem fosse aquelle rapaz? perguntou Sherlock Holmes ao taberneiro, lançando-lhe um olhar penetrante.

—Quando li hoje o aviso da policia disse de mim para mim que não podia ser outro senão Carlos Danforth.

—Vem aqui muitas vezes esse miseravel?

—Não senhor; foi a primeira vez que o vi aqui e

parece que tambem não era conhecido de nenhum dos meus freguezes, porque se retirou para uma meza ao fundo da casa, completamente só. Passadas algumas horas chegou este, designando Buck-Lorne, que foi acto continuo tomar logar na mesma meza.

—E' pareceu-lhe, senhor Riley, que eram já conhecidos?

—Isso não offerece duvida, replicou Riley. Saltava á vista, porque depois de apertarem as mãos muito affectuosamente, fartaram-se de beber.

Holmes lançou ao preso um olhar ameaçador.

—Como explicar, miseravel, a manifesta contradicção entre o que diz o dono da taberna e a tua affirmação de que viste o homem da barba preta pela primeira vez na noite de 24? Quererás caçoar comigo? Atraver-te-has ainda a sustentar a tua declaração? Reflecte antes de responder; pois já sabes o que te espera.

«Dou-te o praso de alguns minutos. Entretanto fallarei com o taberneiro e com as empregadas.

—Bem, senhor Riley. Quanto tempo estiveram os homens aqui?

—Não posso dizer-lh'o exactamente; pela meia noite estava aqui tanta gente, que não me foi possivel prestar-lhes attenção. Kitty deve sabel-o, certamente, porque serviu á mesa onde se sentaram.

—E' verdade, exclamou a rapariga. Não os perdi de vista porque me pareceram suspeitos.

«Não se demoraram muito tempo. Este retirou-se pela uma hora da madrugada, e o outro demorou-se ainda mais algum tempo com o rapaz.

—E este voltou aqui n'essa noite?

—Não senhor.

—A que horas se retirou o da barba negra?

—Meia hora depois. Sain e dirigiu-se para a es-tação, arrastando o rapaz que estava meio adormecido.

«Antes porém disse-nos que o comboio partia ás duas horas da madrugada e que tinha de ir depressa para o não perder.

—Obrigado, disse Holmes. Ainda uma pergunta. E' verdade que é amante do homem de barba preta, segundo Buck-Lorne affirmo?

A rapariga soltou uma gargalhada.

—Sou uma rapariga leviana, amiga da me divertir, e sempre que posso, depenno qualquer pato que me cae nas mãos, mas nunca me ligaria a certos typos que me cae nas mãos, mas nunca me ligaria a certos typos que teem mortes a pesar-lhes na consciencia.

«Por mais de uma vez se me dirigiu, fazendo-me propostas de amor, que eu sempre repelli, porque instinctivamente me repugna aquella cara e se aqui veiu na noite de 24 foi ainda para esse fim, mas creia que o repelli.

«Só uma vez commettia imprudencia de o acompanhar a casa, mas felizmente consegui logo sair para a rua, e se o não fizesse, aquelle bruto ter-me-ia esganado.

«Sob qualquer pretexto, deixou-me no quarto por uns minutos, e aproximando-me da porta por onde elle saíra, vi por uma pequena fenda que estava junto de um armario d'onde tirou uma grande faca que occultou. Os olhos tinham um brilho terrivel, e o rosto estava horivelmente contrahido. Assustada á vista de tão horrivel descoberta, saí da casa, correndo. Ao ruido que fiz, o infame correu sobre mim, segurando-me por um braço.

«Para elle me largar enterrei-lhe no braço o prego do chapéu. Com a dôr soltou-me.

«Abri acto continuo a porta e corri para a escada. O homem correu atraz de mim, mas por felicidade caiu, e a esse facto devo ter saído de sua casa com vida.

—O que me surprehende é que o não tenha denunciado á policia, disse Sherlock Holmes interrompendo-a. Deve saber que se offereceu uma recompensa a quem descobrir o criminoso.

—Perfeitamente; mas repugna-me ganhar dinheiro com denuncias, respondeu Kitty. Em primeiro lugar não me lembro do nome do homem e demais podia custar-me caro a traição. E' muito experto e a policia não o apanhará. Francamente, não me apetece que me encontrem um dia morta no meio da rua... essa féra era capaz de qualquer barbaridade. Não, senhor policia, não quero metter-me com elle.

—Recorda-se, miss Kitty, da casa onde esteve n'essa noite?

—Não, não sei onde fômos. E pôde ter a certeza de que se o malvado não me tivesse embriagado, não consentiria em acompanhá-lo.

«Estava completamente atordoadá. As luzes, as casas, tudo dansava em volta de mim.

—Vamos comtudo vêr, miss Kitty, tornou Holmes muito amavel. Procure recordar-se; não quero os seus serviços gratuitamente.

«Não se lembra se a levou perto da estação, onde se estão construindo alguns edificios?

«Harry, o cocheiro espera-nos á porta. Vae-lhe perguntar quanto tempo é necessario para irmos a esse local.

«Supponho que se trata apenas de alguns minutos, e se o sr. Riley não vê n'isso inconveniente, poderá acompanhar-nos, miss Kitty. Vamos, venha commigo e nada receie, o miseravel não lhe fará mal.

«Não tardará a cair nas nossas mãos.

—Como quizer, replicou Kitty. Se o sr. commissario julgar conveniente, estou disposta a dizer-lhe tudo, mas daviado que saiba encontrar o sitio onde me levou aquelle miseravel.

Harry Taxon voltou n'aquelle momento, dizendo que o cocheiro apenas levaria um quarto de hora para ir ao sitio indicado.

—N'esse caso teremos tempo para deixar este cavalheiro no commissariado, disse Sherlock Holmes sorrindo. Antes de passar busca á casa do homem da barba negra, será conveniente fazer algumas perguntas ao nosso amigo Lorne, que é com certeza antigo conhecimento d'aquelle patife.

Buck Lorne começou a tremer, mas, apesar d'isso, quando os dois policias o convidaram para subir para o trem, tentou fugir.

Sherlock Holmes porém não o perdia de vista.

Quando o criminoso erguia o braço para dar um murro na cabeça de Harry Taxon, Sherlock Holmes agarrou-o pela gola e atirou com elle para dentro do trem.

—Miseravel, gritou o policia rangendo os dentes. E' tempo que nos vejamos livres de ti.

Disse a Kitty para subir tambem e sentou-se á direita do patife, enquanto Harry se sentava á esquerda.

—Ao commissariado da policia, disse ao cocheiro, pondo-se o trem immediatamente a caminho para o sitio indicado.

Quando ali chegaram Holmes disse a Harry que se conservasse no trem com Kitty; enquanto elle obrigava o preso a passar para o interior do edificio.

O policia que estava de guarda ficou surpreendido vendo um sujeito tão elegante conduzindo um preso.

Mas o seu assombro chegou ao auge quando viu pelo cartão que lhe apresentou que se tratava do celebre policia inglez, cujas façanhas causavam a admiração do mundo inteiro.

—Trago-lhe aqui um grande patife, collega, disse ao guarda. Suspeito que é cúmplice dos assassínios dos jovens que trazem a capital em sobressalto ha um tempo para cá. Em todo o caso está compromettido no assassinio de Carlos Danforth.

O guarda olhou pars o preso e coçando uma orelha, murmurou:

—Não me admiraria se tivesse razão; este homem é já conhecido da policia. Ha muito tempo que o seu nome está inscripto entre os dos peiores criminosos de Baltimore.

—Como se chama? perguntou de subito ao supposto criminoso.

—Buck-Lorne.

—Buck-Lorne? Mente. Não é esse o seu nome verdadeiro. Tem outro. E' Ralf Morgan, o criminoso mais temível que se conhece em Maryland. Além d'isso, suspeito que foi quem roubou as joias do esta-

blecimento de Bornes, da rua da Aguilã na noite de 24 para 25.

—Assim foi e confesso-o, tanto mais que negando-o não de crer que fui eu que matei Danforth. Não, quem o matou foi o negro, Dagger-Bill, a quem conheço, é certo, desde que estive em Texas, mas cujo domicilio não posso indicar.

E designando as algebeiras com as mãos atadas, acrescentou:

—Revistem-me; encontrarão as provas de que realmente visitei o rico joalheiro.

Accedendo ao convite do criminoso, o policia tirou-lhe das algebeiras alguns estojos contendo preciosas joias:

—Agora comprehendem com certeza porque não pude tomar parte no assassinio e tambem porque não podia atraçoar Dagger-Bill, quando o encontrei no parque na manhã de 25.

Em primeiro logar, seria um acto cobarde denunciar um amigo e além d'isso, ter-me-iam preso tambem.

—Apesar de tudo, é muito possivel que tenhas participação nos assassinios dos rapazes que se tem commettido recentemente, objectou Sherlock Holmes. Será portanto bom ter esse patife bem seguro. E eu procurarei saber mais alguma coisa a seu respeito.

«Este homem que ao principio declarou não conhecer o assassino senão desde o dia em que o encontrou no parque, sobraçando o fatidico sacco, acaba de dizer que é seu amigo. Convem notar esta contradição. Esta captura, pois, tem grande importancia, e é preciso ter este qatife sob a maior vigilancia.

—Nada receie, sr. Holmes; irá para um calabouço d'onde não poderá fugir.

Sherlock Holmes despediu-se do guarda e voltou a metter-se na carruagem.

O vehiculo poz-se novamente em marcha. A camareira, que entretanto, devia ter-se convencido que era preferivel dizer a verdade, foi-se recordando pouco a pouco da direcção da casa.

CAPITULO IV

O covil da fêra

O trem parou ao principio de uma das ruas fora de portas, muito perto do local onde se construiam alguns edificios.

Os trez viajantes apeiaram-se. Depois de pagar ao cocheiro, os policia guiados por Kitty, começaram a procurar a casa do homem da barba negra, ou con-

forme lhe chamara Ralf Morgan, do negro Dagger-Bill, de Texas.

A rapariga porém era mau guia, porque depois de haverem percorrido a rua toda, não tinha sequer a certeza se era realmente n'aquella rua.

Só passada uma hora de buscas pareceu recordar-se melhor.

Occorreu-lhe então que a casa de que se tratava ficava mais atraz do que as outras, quer dizer, fora da linha, seguramente porque tinham pensado primeiro em fazer a rua mais larga.

Deve ser aqui, disse afinal Kitty soltando um suspiro. Recordo-me perfeitamente que subimos trez escadas para chegar á agua-furtada.

Entretanto, quando entrou no predio, tornou a duvidar. Temia que existissem varios edificios semelhantes e não queria comprometter um innocente.

Sherlock Holmes porém julgava ter encontrado a pista do verdadeiro criminoso.

Emquanto Kitty continuava hesitante, elle interrogara o porteiro e alguns inquilinos, e sabia que na agua-furtada vivia um homem só, que ali estava havia cinco mezes, dizendo que chegara do ceste com a mulher... Os signaes dados pelo porteiro coincidiam perfeitamente com os que obtivera de miss Miles.

Os inquilinos ignoravam qual era a occupação do homem.

Apenas sabiam que tinha um genio terrivel e que maltratava constantemente a mulher que, por esse motivo, se separara d'elle.

Diziam, que o seu nome era Jeremy Snowdon e que durante os ultimos dias não apparecera em casa. Sherlock Holmes agradeceu as informações que lhe leram, subido acto contendo com Harry e Kitty á alta agua-furtada do predio.

Apenas chegaram, a rapariga dirigiu-se apressadamente para uma porta fechada.

—Está certa de ter entrado por essa porta!

—Sim, sim, não me engano, foi por esta.

—Pois vamos bater, retrucou o policia, dando fortes murros na porta.

Vendo que ninguem acudia, fez uso da sua chave que abria todas as portas. Quando entrou na casa, Kitty affirmou que fora ali que a levava o homem da barba negra.

Satisfeito com o resultado obtido, Sherlock Holmes permittiu á rapariga que se retirasse, o que ella aproveitou logo receiando que o criminoso se encontrasse occulto em algum canto.

—Estamos sós, murmurou Sherlock Holmes.

Fechou a porta e em seguida elle e o discipulo começaram a examinar os moveis do quarto.

Em uma das paredes havia um armario muito antigo.

Em frente um fogão, e mais longe uma cama em

desalinho. Deante da janella achava-se uma mesa com toda a especie de utensilios de cozinha.

Perto da mesa corria a canalisação da agua.

Completava o mobiliario uma commoda e algumas cadeiras quebradas.

—Francamente, disse Sherlock Holmes a Harry depois de ter inspecionado a casa, mentiria se dissesse que me sentia tranquillo aqui dentro.

Fácil se torna imaginar o horror que devem ter sentido as pobres victimas aqui conduzidas depois de subirem trez escadas sem fim.

—Julga, mestre, que o mobil dos crimes foi satisfazer instinctos brutaes?

—Não offerece duvida, trata-se de um caso de sadismo. A fera perpetrou os crimes para gosar com as torturas das infelizes victimas,

Do momento que conseguisse trazer aqui as suas victimas, não tinham probabilidades de escapar. Ouvesse-me, Harry? Fitas-me tão assombrado... e não dizes nada... não te comprehendo... aqui ouve-se um ruido infernal.

Sherlock Holmes acerrou-se da janella que abriu de par em par, olhando para o lado de fóra.

Em frente da janella havia um pateo enorme cercado pelas paredes dos edificios vizinhos.

Pertencia a um grande talho.

O ruido infernal a que se referia o policia provinha das machinas d'esse estabelecimento que ali trabalhava de dia e de noite.

O ruido era realmente tão grande, que seria de todo impossivel quer do pateo, quer dos outros andares, ouvir gritos por muito desesperados que fossem dados no ultimo andar.

Portanto o criminoso estava certo de não ser denunciado pelos gritos das suas victimas.

Podia mutilar-lhes os corpos á vontade sem receio de ser incommodado!

Sherlock Holmes voltou para dentro do quarto e olhou para a mesa que se encontrava perto da janella.

Viu ali alguns pingos de sangue.

—Foi sobre esta mesa, disse a Harry, que cortaram o cadaver.

«Vamos examinar o resto da mobilha.

«Tenho esperança de encontrar aqui o que falta no cadaver do infeliz Carlos Danforth.

«Ocupa te da commoda; eu vou revistar o fogão.

Os fogões representam, nas estatisticas criminaes, um papel importante. São elles que geralmente se encarregam de fazer desaparecer os vestigios do crime.

O actual adiantamento da moderna chimica permite fazer todas as descobertas.

Sherlock Holmes aproximou-se do fogão e correu a portasinha de ferro.

Estava cheio de cinza.

O inquilino da agua-furtada devia gastar muito carvão. O celebre policia tirou parte da cinza removendo os restos do carvão.

Poucos momentos depois de ter começado as suas buscas, tinha obtido o resultado desejado.

Entre as cinzas descobrira restos de ossos. Examinou os detidamente e não pôde evitar uma exclamação, vendo que precisamente se tratava dos ossos dos braços que faltavam no corpo de Carlos. Ao mesmo tempo Harry fazia egualmente uma importante descoberta.

Em uma das gavetas da commoda encontrara a camisa de um rapaz, cheia de sangue.

As incises bordadas n'aquella peça de roupa não permittiam duvidas. Era realmente de Carlos Danforth que tinha sido ali assassinado.

Emquanto os dois policiaes estavam examinando as provas do crime, e sem que elles dessem por isso, abriu-se a porta do armario para onde estavam voltados e surgiu a cabeça de um homem de aspecto sinistro.

Com um olhar de fera e o revolver na mão direita, seguia attento todos os movimentos dos policiaes.

Vendo que elles examinavam as provas irrecusaveis do delicto, esbogou um horrendo sorriso.

Por um momento pareceu que ia disparar a arma, mas certamente mudou de ideia, porque com o mesmo cuidado com que abria a porta, tornou a fechala, desaparecendo no armario. Nem Sherlock Holmes nem Harry Taxon deram pela presença do criminoso.

—Antes de sair d'esta casa, disse o celebre policia, embrulhando os restos dos ossos na camisa ensanguentada e esta em um jornal que ali encontrára; antes de dar parte á auctoridade das nossas descobertas, queria revistar minuciosamente este quarto para ver se conseguimos apoderar-nos de qualquer coisa que nos oriente melhor sobre a personalidade d'esse monstro que occulta o seu verdadeiro nome sob o de Snowdon e Dagger-Bill.

Talvez na cama... se encontrassemos alguns papéis...

—Silencio, Harry, exclamou de subito o policia. Não ouviste um leve ruido junto da parede?

Harry respondeu com um movimento affirmativo. Holmes ergueu-se immediatamente acercando-se da parede.

Conservaram-se durante alguns minutos de ouvido á escuta.

Reinava no quarto o mais profundo silencio.

Por fim, Sherlock Holmes deu com uma chave na parede repetidas vezes.

Produziu-se um som extranho.

—Não te parece, Harry, que por detraz d'esta parede existe outro quarto?

—Creio que sim, mestre, mas não vejo porta alguma.

Por unica resposta o policia aproximou-se do armario, cuja porta designou.

—Pega no revolver, disse a Harry; vou abrir e ao minimo ruido suspeito dispara sem contemplação, pois é evidente que aquelle que faz este ruido achase dentro do armario e não pôde ser senão o assassino.

Harry de revolver em punho collocou-se de modo, que podia fazer fogo pela greta da porta logo que ella se abrisse.

Dominado por uma excitação febril, esperava impaciente que o mestre abrisse a porta.

Logo appareceu a cavidade do grande armario completamente vazia.

Sherlock Holmes sorriu.

—Não se pôde negar que é uma verdadeira obra de arte, exclamou attonito, e é necessario ter boa vista e muita pratica para descobrir aqui os signaes de outra porta que dá ingresso a um quarto contiguo, cuja existencia descobri batendo na parede.

«Está attento, Harry, vou abrir a porta secreta.

Sherlock Holmes fez pressão em uma porta determinado do armario; ao mesmo tempo abrio se silenciosamente a parte posterior do movel.

Quedaram-se alguns momentos escutando attentos sem se decidirem a entrar sem estarem convencidos de que reinava ali o maior silencio.

Por detraz do armario havia um quarto completamente ás escuras.

Não obstante a sua intrepidez e coragem, os dois policiaes hesitaram antes de avançarem.

A qualquer momento o criminoso podia saltar sobre elles.

Accenderam as lanternas electricas e puderam ver os objectos mais proximos.

Promptamente revistaram o quarto.

Os objectos que se lhes deparavam á vista não lhes deixavam a menor duvida de que se encontravam no antro do criminoso.

Em um canto avistaram uma porção de gazas e outros objectos proprios para arrombar portas e cofres e algumas armas.

Tambem chamaram a attenção dos policiaes alguns retratos que pendiam das paredes, photographias de mancebos e um par em traje de noivado.

Examinaram detidamente os rostos de ambos, principalmente o do homem.

—Não será este o que procuramos, embora mais novo? Que te parece, Harry?

—E' possivel, retorquiu o mancebo, quando foi tirar o retrato não levava a cabelleira preta nem pintara a barba.

—Vamos levar connosco este retrato, retorquiu o policia. Se não conseguirmos encontrar o culpado, esta photographia ajudar-nos-ha a descobrir, pelo menos, a mulher.

Ao mesmo tempo que guardava o retrato apanhava algumas cartas espalhadas pelo chão.

—Passemos a examinar o tecto d'esta casa, pois é forçoso que o homem fugisse por algum ponto.

A meu ver só pôde ter saído pelo telhado que está sobre as nossas cabeças.

Trepando para uma cadeira, examinou uma claraboia, vendo que se podia abrir.

—Foi por aqui que fugiu, disse Holmes ao discipulo. Certamente que ha de voltar por este mesmo caminho para se certificar se as importunas visitas se retiraram e se levaram algumas das suas riquezas.

Com as maiores precauções ergueu a claraboia olhando para o exterior.

—Effectivamente, por aqui pôde-se dar um excellente passeio pelos telhados. Além d'isso avistam-se chaminés bastante largas para offerecerem excellentes esconderijos ao criminoso.

D'aqui pôde-se facilmente passar para os telhados de varias casas e descer por alguma claraboia ou janella, chegando á rua sem chamar a attenção.

«Sinto grandes desejos de perseguir o nosso homem, mas será mais prudente esperar.

Ao mesmo tempo o policia fechou a claraboia, voltando para dentro do quarto.

—Mestre, exclamou Harry. Não seria excellentemente esperar aqui, escondidos, o regresso do infame?

—Naturalmente e já tinha pensado n'isso, mas será conveniente sair primeiro da casa para que nos vejamos, pois é quasi certo que o criminoso está vigiando a entrada do predio de qualquer ponto.

«Antes da noite não voltará ao seu covil.

«Esperaremos portanto que anoiteça e depois voltaremos sem que o criminoso nas veja.

—Comprehendo perfeitamente o seu plano, retorquiu Harry Taxon, seguindo o mestre ao primeiro quarto.

Um momento depois os dois policiaes saíram da casa do assassino dos rapazes, fechando cautelosamente a porta.

CAPITULO V

A lucta na agua-furtada

Depois de passearem algum tempo em frente da casa, Sherlock Holmes e Harry Taxon passaram

egualmente pelo pateo pertencente ao talho, que atravessaram, afastando-se por fim. Antes do pôr do sol os dois policias voltaram ao predio passando de novo á casa do criminoso.

Como o fugitivo podia voltar a casa por dois caminhos, resolveram separar-se.

—Tu, Harry, disse Sherlock Holmes, vigia aqui, n'este quarto, enquanto eu estarei de sentinella no outro aposento.

«Fica combinado que communicaremos batendo na parede logo que um ou outro ouça qualquer coisa de suspeito e careça de auxilio.

«Deves estar vigilante, Harry, para repellir qualquer aggressão do criminoso ou dos seus cumplices e para lhe tornar mais facil a entrada na sua residencia deixaremos esta porta aberta.

—Esteja descansado, mestre, retorquiu o joven policia. Espero que não se fará esperar muito.

Utilizando-se da porta secreta do armario, o policia voltou ao quarto escuro, sentando-se em um colchão que estava no sólo.

Esperaram mais de uma hora, uma hora que pareceu uma eternidade a Sherlock Holmes. Começava a perder a paciencia.

O criminoso não apparecia, pois Harry tambem não dava signal de vida.

Era noite e desencadeiara-se uma horrivel tempestade.

O vento bramia por cima dos telhados.

Os rolampagos succediam-se com rapidas intermitencias, e os trovões ribombavam de uma maneira verdadeiramente horrorosa.

A chuva torrencial já caia da claraboia molhando o policia; o pequeno quarto onde elle se encontrava depressa ficou inundado.

O celebre policia vira-se obrigado a erguer-se do colchão completamente enxarcado.

Dispunha se a dirigir-se ao quarto contiguo afim de perguntar ao seu discipulo se a chuva tambem o attingira, quando o vivissimo clarão de um relampago seguido pelo estampido de um immenso trovão o deteve um momento.

Ao mesmo tempo sentiu uma forte corrente de ar procedente da parte superior do quarto.

O policia ergueu os olhos.

Escondeu se immediatamente por detraz de uma taboa. Era o criminoso que chegava.

O homem olhava inquieto para todos os lados antes de se resolver a entrar em casa.

Segurando a claraboia para se poder retirar promptamente em caso de necessidade, escoutou durante alguns instantes se havia alguma coisa de anormal.

Como não ouvisse o minimo ruido, saltou para dentro deixando fechar a claraboia.

Encontrava-se tão perto do policia que lhe bastaria estender a mão para o agarrar.

Preferia contudo ver o que o homem fazia.

Dirigiu-se para o canto onde guardava a sua feramenta.

—Ah! pensou Sherlock Holmes. Dispõe-se a praticar nova façanha e vem em busca dos objectos que lhe são precisos.

«Não. Custe o que custar urge impedi-lo, tanto mais que esse monstro achando-se armado hade tornar-me a situação mais difficil para me defender dos seus ataques.

N'aquelle momento o policia ouviu Harry batendo na parede.

—Demoniol disse comsigo Holmes. Harry recebeu alguma visita.

«Ou talvez ouvisse o salto de Snowdon e me pergunte se careço de auxilio.

De toda a maneira o appello de Harry não podia ser mais inopportuno, por que foi igualmente ouvido por Snowdon.

Sherlock Holmes viu que o patife se detivera para prestar ouvido attento e decidir se a tomar um partido.

Um outro ruido, como o fechar de uma porta decidiu-o. Saltou para a porta secreta do armario afim de entrar no quarto contiguo onde estava Harry Taxon de sentinella.

Não teve tempo para executar o seu plano.

No momento em que collocava a mão na porta, o policia caiu sobre elle como um tigre.

O criminoso surpreendido por tão repentino e inesperado ataque, soltou um rugido de fera seguido de uma horrivel blasphemia.

Com uma força e uma energia deveras surprehendedentes, tratava de se livrar do seu aggressor que o segurava pelo pescoco com toda a força.

Uns instantes mais e o criminoso morreria suffocado pelas mãos de ferro de Sherlock Holmes.

O patife conseguiu porém fazer um movimento tão brusco como imprevisito e deixou-se cair no sólo, arrastando comsigo o policia que bateu com a cabeça n'um ferro com tanta força que ficou por um momento atordado.

Aquelle instante decidiu a lucta. O criminoso soube aproveitall-o para se livrar das mãos do policia.

Ergueu promptamente a mão direita onde segurava um instrumento de ferro para bater com elle na cabeça do adversario.

O policia com os seus olhos de gato, havia de esqorto as sinistras intenções do bandido, e enquanto fingia empregar grandes esforços para se erguer, apoderou se de uma chave enorme que viu perto do

montão de ferramentas e dispoz-se a dar com ella no miseravel antes que este pudesse attingi-lo.

O policia erguia já a mão armada com o ferro, quando recebeu um murro do seu astuto adversario.

Rolou novamente pelo sólo, começando então uma lucta desesperada, frenetica entre os dois inimigos. No meio da profunda escuridão que os envolvia, ouvia-se apenas a respiração arquejante dos dois homens que sustentavam uma lucta de morte.

Sendo ambos igualmente habéis e fortes, era difficil prevêêr em favor do qual se decidiria a victoria.

Por fim Sherlock Holmes conseguiu tirar a Snowdon um estylete com que estava armado e feril-o no hombro.

Soltando um uivo de dôr, o criminoso largou o policia.

Deu um salto para a claraboia, e antes que o policia o pudesse impedir tinha o corpo da parte de fóra.

Quando Holmes acudiu, o fugitivo tinha as pernas dentro do quarto. O policia puxou-as com força affim de obrigá-o a descer.

O criminoso porem não dava o seu braço a torcer. Em tão critica situação começou a esparnear, dando com um pé na testa do policia.

Obrigado pela violencia da dôr, Sherlock Holmes levou as mãos á parte dorida, circumstancia que, naturalmente, foi aproveitada pelo patife para fugir para o telhado.

O policia disparou o revolver, mas não obteve outro resultado além de provocar uma sarcastica gargalhada do fugitivo.

—Miseravel! fêral! gritou o desapontado policia rangendo os dentes. Hei de seguir-te nem que seja ao inferno.

De um pulo alcançou a claraboia, mas com tanta infelicidade, que lhe caiu sobre a cabeça com toda a força, ao mesmo tempo que ouvia o criminoso saltar para o telhado do predio contiguo.

Emquanto estes acontecimentos se desenrolavam, Harry Taxon continuava no seu posto de observação, seriamente intrigado por seu mestre não corresponder ao signal que lhe havia dado, e que entre os dois fôra combinado.

Extremamente dedicado ao corajoso policia, e sabendo que na maior parte dos casos, n'estas empresas arriscadas, na perseguição de bandidos da peor especie, Sherlock Holmes se achava sempre exposto aos maiores perigos, caindo em armadilhas habilmente preparadas, sentia-se verdadeiramente inquieto pelo obstinado silencio que havia no quarto em que seu mestre se encontrava; pois que a violencia da tempestade não lhe permitira ouvir o ruido da lucta travada entre seu mestre e o bandido. N'esta disposiçào de espirito, e mal dizendo a inação a que se via forçado,

pois, por coisa alguma d'este mundo transgrediria as ordens recebidas, Harry Taxon começou o seguinte monologo:

—Não me agrada nada estar aqui ha tanto tempo inactivo, e sobretudo não ter a certeza se o mestre está ali no quarto contiguo.

Este silencio não é de bom agouro, e receio bem que lhe tenham preparado alguma armadilha, em que elle tenha caído. Quem sabe se a estas horas elle estará em perigo, e eu aqui acorrentado, sem lhe poder prestar auxilio? Os diabos levem estes patifes que tanto nos dão que fazer. Emfim, esperemos os acontecimentos e não nos precipitemos. A boa fortuna de meu mestre, e a sua proverbial valentia certamente o não abandonarão ainda d'esta vez.

CAPITULO VI

Uma intermezzo inesperado

A pancada que recebera Sherlock Holmes na cabeça quando se fechara a claraboia, teria certamente tido consequências deploraveis se não fosse a chapa de aço que sempre usava na gorra e que em varias occasiões o salvara da morte.

Graças a essa precaução, a pancada apenas o deixou aturdido, ponde ainda assim sair para o telhado onde permaneceu alguns momentos immovel não só para reanquirir as forças como tambem para estudar o terreno antes de se lançar em perseguição do assassino.

A tempestade, entretanto redobrava de furia.

O céu estava coberto de enormes nuvens negras, o clarão dos relampagos e o estampido horrivel dos trovões succediam-se sem interrupção e o vento desencadeiava-se com tal violencia, que era difficil conservar o equilibrio em cima do telhado.

Sherlock Holmes encontrava-se em perigo imminente de rolar para o fundo do negro abysmo; ponce a pouco recuperou o sangue frio.

Procurando na sua energia os recursos de que dispunha como habil equilibrista e gymnasta que era, fazia verdadeiros prodigios para manter se firme no plano extremamente inclinado do telhado, resistindo á furia do vento que o sacudia violentamente, e ao mesmo tempo procurava com a sua vista de lynce prescrutar todos os pontos a fim de descobrir o audacioso assassino, cujos elementos de resistencia na lucta elle acabava de experimentar.

Apesar do vento ser violentissimo e de o cegar a chuva, o policia não desistiu de perseguir o fugitivo. Decidido correu para a beira do telhado com risco de

cair e sem se preocupar com o perigo que corria, chegou sem novidade á extremidade. Sem hesitar um momento deu um salto enorme para passar para o telhado visinho.

Como este era muito menos indicado que o precedente, o perigo tornou-se menor.

Sherlock Holmes formara o proposito de se apoiar do criminoso no segundo telhado e envidou para esse fim toda a energia de que era dotado.

Ao clarão dos relâmpagos poudo vêr que o criminoso ainda ali se encontrava.

Tinha-o visto desaparecer por detraz de uma grande claraboia por onde certamente entrava a luz na escada do prédio.

Sherlock Holmes examinou o revolver.

Disponha ainda de quatro balas, e mataria o malvado se lhe oppozesse a minima resistencia.

Com o dedo no gatilho, avançou com cautella para a claraboia, resolvido a sustentar a mais horrivel das luctas.

De facto, Snowdon ali estava, encostado á parede, agachado como um tigre. Vendo que o destemido policia avançava para elle, approximou-se-lhe preparando-se para saltar sobre a presa. Também estava armado com um revolver.

Ouviram-se de seguida cinco ou seis detonações; a escuridão porém era tão profunda, que nenhum dos dois visára o adversario.

Então Snowdon, no paroxysmo da ira, atirou com o revolver para longe afim de entabolar com o seu temeroso adversario uma lucta ao *box*.

Era precisamente o que convinha ao policia, a quem ninguém vencia n'esse jogo.

—Corpo a corpo! exclamou o policia com satisfação e quasi ao mesmo tempo acenava um tremendo murro á cabeça do bandido.

—Sim, corpo a corpo; e aqui, sob a tempestade que o diabo desencadeou, á luz d'estes relâmpagos infernaes, bem podes defender a vida, porque te juro por satanaz que me livrarei de ti, ou ambos iremos rolar no abysmo.

—Mais devagar, senhor vampiro de creanças, ainda não está dita a ultim: palavra, e rirá bem, quem seja o ultimo a rir. Não me desagrada esta lucta sobre os telhados ao som d'esta orchestra da natureza enfurecida. E' uma amostra do inferno para onde vou mandar-te de presente, disse Holmes arrogantemente jogando-lhe segundo murro á cabeça.

Este porém que parecia nada ter que invejar ao adversario em destreza, mostrou-se também conhecedor emo do jogo de *box*. Sherlock Holmes procurava attingir o estomago, mas Snowdon parava os golpes de uma maneira surpreendente.

Era uma lucta titânica em que os dois homens estavam empenhados. Ambos eram de igual força na

arte do boxe, e de uma agilidade pasmosa: a cada ataque do genial policia respondia o bandido com uma parada habil, e ambos elles tinham sido mais ou menos attingidos por formidaveis muros.

Nunca Sherlock Holmes tinha encontrado um adversario tão terrivel no jogo do boxe, em que elle era eximio. A respiração dos dois luctadores era offegante, e a lucta não podia prolongar-se por muito mais tempo.

Por fim o criminoso teve um momento de distração que o policia aproveitou para lhe attingir o ventre.

Perdendo o equilibrio, o patife caiu sobre a claraboia, cujos vidros cederam ao peso quebrando-se em mil boccados com enorme estrondo.

O vencido soltou um grito de angustia e caiu de uma altura não inferior a quatro andares.

No momento em que Sherlock Holmes se inclinava sobre a claraboia para olhar para a escada e convencer-se da morte de Snowdon, ouviu uma detonação a poucos passos de distancia e passou-lhe uma bala sibilando por cima da cabeça.

Quedou-se estupefacto vendo assomar varias cabeças ás janellas e alguns homens providos de lanternas.

Eram alguns inquilinos do prédio que, despertados pelas detonações, e pelo barulho que os dois faziam no telhado, accorriam inquietos e atacavam aquelles a quem julgavam como ladrões.

Ignorando o que motivára aquella lucta phantastica disparavam á doida os revolvers, pondo em grande risco a vida do genial policia.

Dois avançavam para o policia com attitude ameaçadora.

Era evidente que o tomavam por um criminoso.

As detonações que se haviam cruzado no telhado primeiramente, e o estrondo produzido pelos vidros da claraboia, fôra bastante para fazer comprehender aos inquilinos dos andares superiores, que occorria ali qualquer facto extraordinario. Além d'isso a queda de Snowdon pela escada, acabava de convencer-os que se encontravam em frente de um criminoso que aproveitara a escuridão d'aquella horrivel noite para andar pelos telhados com fins pouco licitos.

Mas os cidadãos de Baltimore e especialmente os d'aquelle bairro, eram muito promptos a pegar em armas.

Não estavam dispostos a entrar em explicações, e certamente teriam lynchado o policia sem o deixar falar, se este não tivesse sabido escapar á sua furia.

Comprehendendo a inutilidade de se explicar perante aquelles homens, atravessou aos pulos o telhado d'aquelle prédio passando ao contiguo com um saltito arriscadissimo.

Como os seus perseguidores não pareciam dispostos a deixal-o em paz, pois não cessavam de fazer fogo sobre elle, não lhe restava outro recurso senão arriscar-se a descer pelo tubo por onde caia a agua.

Os seus perseguidores saltaram gritos de desespero vendo a loucura que ia commetter o desconhecido, mas este, sem se preocupar com elles, deslizou ao longo do fragil tubo até chegar á rua.

A descida original e arriscada d'aquelle homem extraordinario, n'uma noite tempestuosa, chamara a attenção de alguns curiosos.

Antes de chegar ao sólo, observou que se ia formando um grupo que provavelmente o receberia do mesmo modo que os homens do telhado.

Se ao menos Harry Taxon se encontrasse perto para o dar a conhecer!

Sherlock Holmes temia com razão que os carniceros, gente brutal, que se agglomerava n'aquelle bairro, fariam pouco caso dos documentos de identidade que lhe haviam sido facultados pela policia.

Felizmente, tinham acudido tambem alguns agentes da policia por ouvirem as detonações e estes com bastante difficuldade conseguiram apasiguar os animos até dar tempo a Sherlock Holmes para que explicasse o que occorrera.

Em poucas palavras expoz aos guardas o motivo porque descera do telhado, valendo-se de um meio tão pouco usado.

Os guardas não conseguiram occultar o seu asombro.

Era certo que o assassino, aquelle que aterrorizava a população, o estripador de rapazes innocentes, residia ali perto, quasi ao lado de uma esquadra de policia?... Parecia incrível!...

E para descobrir o paradeiro d'aquelle infame havia sido necessaria a intervenção do celebre Sherlock Holmes.

Iam pois dar caça ao miseravel conduzidos pelo policia inglez.

O policia duvidava que o criminoso estivesse vivo depois de uma queda de semelhante altura.

Qual não foi portanto a sua surpresa e a dos seus companheiros quando entraram na escada e viram que Snowden ali não estava!...

Por inverosimil que parecesse, o facto só tinha uma explicação. O assassino quando caiu, devia ter ficado preso pela roupa no candieiro colossal que illuminava a escada e d'ahi conseguira livrar-se novamente.

Sherlock Holmes ficou vivamente contrariado.

Se ao menos Harry estivesse com elle... Onde estaria o seu discipulo?

Tambem teria tido alguma aventura?

Teria sido surprehendido por algum cumplice do

criminoso, teria cahido n'alguna armadilha, e succumbiria na lucta.

Esta incerteza magoava grandemente o genial policia, que dedicava a Harry uma afeição verdadeiramente paternal.

CAPITULO VII

O triumpho de Harry

Harry Taxon ouvira um ruído no quarto em que estava o mestre e decidira acudir em seu auxilio.

Julgava ter ouvido algum saltar do telhado para o interior da casa.

Entretanto, o facto do mestre não ter feito o signal combinado, fel-o desistir do seu proposito.

O mancebo não podia adivinhar que o mestre não respondia ao signal por lhe não convir a presença de Harry n'aquelle momento.

Não queria ao mesmo tempo exceder as ordens recebidas; temia alterar os planos do policia.

Por coiza alguma do mundo queria Harry desgostar o seu mestre.

Poucos instantes depois viu-se tambem na necessidade de fazer o signal combinado.

Ouviu passos de mulher que se approximavam da casa. Parou um momento junto da porta escutando e em seguida empurrou a porta.

Harry occultou-se acto continuo ao lado do armario.

Não desviava os olhos da porta afim de ver quem entrava.

Quem seria?

Decorreram alguns segundos; por fim abriu-se a porta e uma mulher esbelta, nutrida, vestida de negro entrou no quarto.

A escuridão que ali havia não permittiu a Harry reconhecer a mulher.

N'aquelle momento porém o vivo clarão de um relampago illuminou o quarto.

Harry virou o rosto da recém-chegada, pallido e abatido pelo soffrimento. Parecia pertencer a familia de boa posição.

O mancebo começava a sentir-se nervoso.

A mulher surgia-lhe ali como um phantasma e parecia recordar-lhe a infeliz trajando de noiva, que vira na photographia ao lado de Snowden.

Quem seria aquella mulher que entrara ali quasi furtivamente, como que a medo, e mostrando-se tão abatida? Seria alguma d'essas mulheres de vida facil a quem o miseravel dera rendez-vous áquella hora, e que incautamente se ia entregar nas garras do assassino?

sino, que n'elle cevaria os seus instinctos de besta-féra? Seria talvez a mulher do assassino?

Que quereria a mulher áquella hora da noite? Iria vêr o homem que a maltratava brutalmente?

Manteria ainda relações com o assassino?

Dir-se-ia que sim.

Não offerecia duvida que aquella visita tinha por fim ver o marido.

Saberia que aquelle homem era um criminoso da peor especie? Que n'aquella mesma casa correria o sangue innocente de Carlos Danforth e quem sabe se de mais mancebos?

Harry quiz avisar o mestre d'aquella inesperada visita.

Foi então que bateu ao de leve na parede, dando o signal que tanto contrariara Sherlock Holmes e que fôra tambem ouvido por Snowdon.

A tempestade recrudescia, e os relampagos e os trovões succediam-se quasi sem intermitencia. As rajadas violentissimas do vento sacudiam assustadoramente a casa, e grossas cordas de agua caiam sobre o telhado, entrando pela janella aberta com a violencia do vento.

Quando outro relampago illuminou o quarto, Harry approximou-se da mulher.

Vendo a figura de Harry deante de si, a mulher soltou um grito de susto e começou a tremer. Fechou a porta com violencia e deitou a correr.

Harry seguiu a.

Tudo isto occorrera em tão poucos minutos, que o joven policia não ouvira o mais leve ruido da lucta que se travava entre o seu mestre e Snowdon a alguns passos de distancia.

O mancebo corria bem, mas ainda assim teve difficuldade em seguir a tresloucada mulher.

Sabia que Sherlock Holmes tinha interesse em interrogar a esposa do estripador de mancebos; além d'isso, ella melhor do que ninguem podia ajudar a descobrir-lhe o paradeiro. Por todas estas razões Harry não podia deixal-a escapar.

Um atraz do outro atravessaram correndo ruas e travessas, até que a mulher parou por fim em um becco sem saída.

Extenuada pela rapida corrida, encostou-se á parede e um gemido doloroso se lhe escapou da garganta.

—Que me quer, senhor? disse com voz angustiada, não me basta a minha infelicidade? Deixe-me seguir o meu caminho e não me persiga.

—Nada receie. Vi-a entrar n'aquella casa, onde estava um miseravel assassino, e impressionado com a sua inesperada appareição, e pensando que o conheceria, resolvi interrogal-a; e é este o motivo porque a persegui.

E pegando-lhe na mão, affastou-se bruscamente

para a sombra projectada pelos edificios, a fim de não serem observados, o mancebo inquiriu:

—Quem é a senhora?

«Não é a senhora Snowdon, casada com o homem que reside na agua-furtada onde entrou ha pouco?

A mulher quedou-se muda.

Provavelmente não se atrevia a falar, tão grande era a sua angustia e a agitação nervosa que a dominava.

—Fale, senhora, fale, tornou o joven policia. Havia de ter algum motivo para ir visitar seu marido.

—Porque me interroga? Quem o auctorizou a isso? exclamou por fim a mulher, com a voz alterada.

—Sou policia, retorquiu Harry. Ignora por acaso as graves suspeitas que recaem sobre seu marido?

—Quem lhe disse que sou a senhora Snowdon?

—A photographia em que se encontram a senhora e elle em traje de noivos, prova-o evidentemente. E na verdade, senhora, devo declarar-lhe que me admira deveras que tenha ainda alguma sympathia por seu marido que já não pôde dispôr da vida, que pertence ao carrasco.

«Mas vive separada d'elle ha tanto tempo. Porque foi visital-o?

—Oh! Deus meu! As palavras que proferiu confirmam as minhas suspeitas, suspeitas que só me assaltaram depois de ter lido o aviso da policia, exclamou a desventurada chorando.

«Oh! fale, senhor, diga-me a verdade. Foi elle que assassinou Carlos Dauforth?

«Foi para ouvir essa confissão dos labios de Jeremy que me decidi a procural-o em sua casa.

«E' verdade ser elle o assassino?

—Sim, senhora, replicou Harry.

O mancebo quedou-se attonito vendo que a mulher parecia mais tranquilla após esta affirmação.

—Tem provas da culpabilidade de meu marido? perguntou.

—Incontestaveis.

E Harry profirindo esta palavra fitou com attenção o rosto da mulher.

A mulher suportou aquelle olhar investigador sem o mais leve receio, parecendo mesmo reanimar-se á proporção que Harry Taxon a ia convencendo da culpabilidade de seu marido. A expressão do seu rosto parecia mesmo tomar uma resolução subita, e uma especie de energia lhe brilhava nos olhos.

Não havia duvida; a culpabilidade do marido era um motivo de satisfação para a mulher.

—Parece-me, exclamou Harry, que a communicação que acabo de lhe tazer, lhe causa alguma alegria. Este facto leva me a suppôr que me enganei julgando que visitava seu marido por sentir ainda alguma amizade por elle. Não é assim?

—Apresente-me as provas de que Jeremy é o as-

sassino do joven Danforth, repetiu a mulher. Logo lhe direi, em sitio mais adequado, tudo quanto queira saber.

Compreenderá então qual é a sympathia que sinto por esse canalha.

«Ficará então sabendo qual foi o motivo que me trouxe a entrar n'essa casa, d'onde sai para não mais voltar.

«Seja o senhor quem fôr, creio no que me diz, e as suas affirmativas são o echo dos meus proprios sentimentos. Dediquei-me a uma obra de reparação e proseguirei no caminho que a mim propria impuz, embora tenha de calcar os impulsos do meu coração, embora tenha de entregar ao carrasco o homem, cujo nome uso, e que me deshonra aos olhos da sociedade.

—N'este emburlo acham-se as provas que desejava ver, retorquiu Harry.

—Venha commigo, senhor, tornou a mulher pegando no braço de Harry. D'aqui a alguns minutos estará soeinte do motivo da minha visita a casa de meu marido.

Dirigiram-se então ambos apressadamente a outra rua mais importante.

Quando chegaram á estação do Norte, a mulher parou em frente de uma casa pequena composta de um unico andar.

—E' aqui, disse ella.

Em seguida abriu a porta e entraram ambos em um quarto de acanhadas dimensões fracamente illuminado.

Quasi ao mesmo tempo abriu-se outra porta.

—Que succede, Mabel? perguntou á recém-chegada uma mulher de uns trinta annos que entrava no quarto. Que noticias trazes? Confirmaram-se as tuas suspeitas?

—Esté senhor te esclarecerá, retorquiu a interpellada designando Harry Taxon.

—Tenha a bondade de seguir-me, proseguia aquella a quem chamavam Mabel, dirigindo-se ao policia. Entremos aqui n'este aposento e apresental-o-hei a minha irmã Ruth Danforth, que foi quem me levou a casa de Jeremy.

—A senhora Danforth? exclamou Harry admirado olhando alternativamente para as duas senhoras. São irmãs? Sim, não offerece duvida, é mesmo uma pergunta ociosa. A semelhança entre ambas demonstra-o claramente á primeira vista. E' uma verdadeira coincidência encontrar duas damas que não só estão relacionadas com a infeliz victima, como tambem com o assassino. As relações entre ambas tem alguma coisa que vêr com o horrivel crime?

—O senhor é policia, não é assim? perguntou Ruth Danforth. Oh! não me suprehende a sua pergunta. Já vês, Mabel, se meu marido tinha ou não razão pa-

ra se entregar ao desespero. Quiz convencil-o de que ninguém suspeitaria que fosse elle o assassino do desventurado moço, empreguei todos os esforços para o tranquillisar, mas não me quiz attender.

«Respondeu-me que todo o mundo suspeitaria d'elle por ser tio da victima e com a morte de Carlos tornar-se o herdeiro da familia Danforth; que nunca se lhe apagaria da fronte essa mancha e assim o vi afastar-se de mim, desesperado, sem saber o que foi feito do infeliz... Supponho que poz fim aos seus dias...

«Commigo, Mabel, sabes já o que succedeu, disse-te o modo extranho como fui tratada pelo irmão de meu marido, o pae de Carlos, quando me visitou um dia d'estes.

«Seria preciso ser muito nescia para não comprehender que aquelle excellente homem tinha as mais horriveis suspeitas de meu marido.

«Tenho soffrido horivelmente por ver que meu cunhado supeita do irmão. Meu marido não querendo sobreviver com uma mancha tão odiosa no seu nome, apellou para o suicidio, pois que ninguém sabe onde pára. Carlos fôra nos confiado, e amavamol-o como se fôra nosso filho, e de um momento para o outro a tranquillidade fugiu d'esta casa, e a minha vida foi anniquilada.

Por esse motivo, querida irmã, vim ver-te para te supplicar de joelhos que averigues se teu marido, que desgraçadamente tem commettido outros crimes, foi quem sabe? o assassino, o auctor d'esta atrocidade.

—Sim, é assim mesmo, exclamou a senhora Mabel Snowden em voz baixa, voltando-se para Harry Taxon. Como temia que minha irmã seguisse o exemplo do marido, se não se demonstrasse a sua innocencia e suspeitava que meu esposo fosse o auctor de todos os crimes que se tem perpetrado n'estes ultimos mezes, fui visitar Jeremy a Barclay-Street. Se o senhor quizer agora mostrar-me as provas da culpabilidade de meu marido, provas que me prometeu, asseguro-lhe que não terei a minima consideração por esse infame, por esse miseravel que me enganou e levou á ruina.

«Se o desejar, leval-o-hei mesmo a outros antros que Jeremy frequenta em Baltimore.

Harry Taxon abriu o emburlo. As duas mulheres apenas viram o seu contheudo, reuaram soltando gritos de espanto.

Ruth Danforth descobrira na mão meio carbonisada que Sherlock Holmes havia encontrado no fogão, um pequeno anel de ouro com uma pedra encarnada que James Danforth dera de presente a seu filho.

Presa de uma grande excitação nervosa e da mais acerba dôr, cobriu o rosto com as mãos rompendo em sentido pranto.

—Onde encontrou isto? perguntou Mabel envidan-

do os maiores esforços para se dominar e não cair maiada.

—No fogão da residencia de seu marido. Na commoda encontramos uma camisa ensopada em sangue; veja as iniciaes. C. D.

«Serão necessarias mais provas para concluir que Suowdou foi o assassino do mancebo?

—Oh! não, não! exclamou Mahel aterrada. Bastam estas. Quebrou-se o ultimo laço que me unia a meu marido a quem tanto amei. E' preciso vingar este sangue innocente e estou disposta a ajudal-os em tudo quanto possa.

—Tenha então a bondade de me seguir disse Harry embrulhando de novo a camisa e o braço carbonizado. Vae cumprir a sua promessa immediatamente.

Pegou no chapeu e passado um instante saiam elle e Mahel Suowdou da casa onde se desenrolára uma scena tão triste e commovedora.

Harry dirigiu-se estugando o passo, á casa de Barclay-Street.

Ardia em desejos de informar o mestre do resultado das suas averiguações.

Estava orgulhoso de si mesmo tanto mais que sabia como o mestre ia ficar satisfeito com elle.

CAPITULO VIII

A expiação do crime

Harry Taxon e a sua companheira Mabel Suowdou chegaram junto da casa de Barclay-Street onde o criminoso conservava um dos seus esconderijos, quando o primeiro ouviu, com grande surpresa a voz do mestre por detraz de uma porta.

Passado um momento viu que Sherlock Holmes, seguido de alguns policias, saia da casa.

Acabavam de visitar a agua-furtada onde vivia Suowdou e onde Sherlock Holmes tinha ido em procura do seu casaco, e iam dirigir-se á proxima esquadra de policia para d'ali informar o sr. Harcouth do resultado das averiguações do celebre policia e do crime perpetrado em Barclay-Street.

Ao mesmo tempo, Sherlock Holmes fencionava perguntar ao chefe da policia se recebera alguma noticia com respeito a Harry Taxon.

Comprender se-ha portanto facilmente a alegria do policia vendo o seu fiel ajudante.

—D'onde vens? perguntou-lhe. E quem é essa senhora que te acompanha?

—Tenho a enorme satisfação, senhor Holmes, de lhe apresentar a senhora Mabel Suowdou, retrucou Harry muito orgulhoso.

Realmente podia achar-se satisfeito com a impressão que estas palavras produziram no genial policia.

Embora nunca desse a perceber o que se lhe passava na alma, n'aquella occasião no seu rosto leu-se o mais vivo prazer.

—N'esse caso ser-nos-ha dado obter alguns detalhes interessantes sobre o assassínio de Danforth, retorquiu Sherlock Holmes fitando Mabel.

—Effectivamente; esta senhora está disposta a indicar ás autoridades onde se encontram os esconderijos d'aquelle monstro, a quem, segundo vejo, não poudes dar caça apesar do ruido que ouvi quando saí de casa me ter levado a suppor que o mestre tivera um encontro serio com o criminoso.

—Infelizmente escapou-se, retrucou Sherlock Holmes. De modo que se a senhora que tiveste a sorte de encontrar e que julgo ser a desventurada esposa d'aquelle homem, está decidida a ajudar-nos de algum modo, ficar-lhe-hemos deveras reconhecidos. Terá portanto que nos acompanhar á esquadra mais proxima de policia. Como vês, Harry, acha-se aqui um grande numero de curiosos e é impossivel entendermo-nos.

—Estou prompta a seguil-os, senhores, exclamou a mulher do bandido, e julgo do meu dever indicar á policia o que até agora conservei secreto por immerecida consideração para com meu marido.

A senhora Snowdou, os policias e os guardas encaminharam-se para a esquadra.

Sherlock Holmes, assim como os restantes ouvintes, quedaron-se surprehendidos perante as declarações da desventurada esposa do assassino de mancebos.

Com palavras commovedoras, a boa mulher narrou toda a sua vida cheia de pesares e de desganhos junto d'aquelle miseravel, com quem tivera a desgraça de unir-se, cega pelo amor que lhe votara.

Desprezando as conselhos de todos os seus parentes que desconfiavam d'aquelle que então ostentavam o pomposo cargo de director de um Banco, e sobre cuja moralidade corriam já insistentes boatos, seguiu-a de Baltimore ao Oeste.

Depressa teve razões para se convencer de que eram fundados os receios dos seus parentes. Chegando ao Oeste, Snowdou mostrou-se brutal e cruel, dando bem a conhecer que só casara com ella pela sua fortuna.

Não obstante, a desventurada permaneceu junto do seu verdugo, visto que todos os parentes se haviam afastado d'ella, passando pela vergonha de ver o marido expulso do Banco por haver desviado algumas quantias em seu proveito e ter falsificado diversas assignaturas.

Já no caminho do vicio, Snowdou ia-se enterrando cada vez mais no abysmo, até converter-se em criminoso.

—Já em Texas, disse a desgraçada, chorando sem consolação, notei que Jeremy manifestava gostos perversos pelos manehos, rapazes de poucos annos, convencendo-me por fim de que especie eram as suas inclinações brutaes.

Ainda me recordo com horror que o vi um dia cortar as cabeças a alguns pombos e beber-lhes o sangue ainda quente.

Este facto decidiu-me a separar-me d'elle. Vim para Baltimore, porque aqui vivia uma irmã minha, casada com o sr. Bill Danforth, empregado no caminho de ferro.

Pouco depois seguia-me Jeremy, a quem encontrei um dia na rua.

Com fingidas lagrimas soube induzir-me a voltar para junto d'elle, fazendo-me falsas promessas em que tive a fraqueza de acreditar. Viviamos n'aquella horrida agua furtada onde só hoje soube que se commetteu o horroroso crime.

Entreguei-lhe o resto da minha fortuna que a seu pedido convertera em papeis em Texas, e o miseravel gastou-a com assombrosa rapidez. Disse-me então que conseguira arranjar um lugar de escrevente no escriptorio de um advogado.

Mas bem depressa me vi obrigada a separar-me novamente d'elle devido aos maus tratos de que era victima. Depois d'isso tenho vivido na casa onde este senhor policia me viu, em companhia de minha irmã, que se compadeceu de mim quando ha algumas semanas a procurei invocando a sua protecção. Expliquei-lhe a minha desgraça, occultando-lhe todavia, as suspeitas que me causava todavia meu marido desde que vivia junto d'elle em Baltimore.

—Quer portanto dizer, interrompeu Sherlock Holmes, que Snowdon é o auctor de todos os crimes que que se tem perpetrado em Baltimore, n'estes ultimos mezes?

—Não, senhor, não supponho tanto. N'esse caso não teria deixado de avisar a policia, mas suspeitava que Jeremy frequentava os antros onde se reúnem os criminosos, replicou a pobre mulher chorando copiosamente. Um dia descobri uma caixa com uma quantidade de instrumentos e ferramentas para arrombar portas e cofres; alem d'isso inquietavam-me as suas relações com um homem a quem falta metade de uma orelha e cujo aspecto denota á primeira vista ser um criminoso.

«A proposito d'esse homem, recordo-me que foi uma noite visitar meu marido e julgando-se sós conversaram durante muito tempo em voz baixa e animadamente. Quando saíram de casa, segui-os, vendo-os entrar em um local de pessima fama, no porto de Baltimore e que é só frequentado por gente criminoso.

No dia seguinte li a noticia mandada publicar pela policia com res peito a um roubo commetido em uma

importantissima casa bancaria. Snowdon não voltara a casa n'aquelle dia, o que me confirmou nas minhas suspeitas de ter elle tomado parte no roubo.

Tenho o visto depois d'isso entrar na taberna mais vezes. Tem ella o nome de «Gaivota Branca» e de claro-lhes, senhores, que se visitarem essa taberna, situada em Locus Point, talvez ahi encontrem Snowdon, o miseravel assassino.

—De facto, exclamou um dos agentes, «A Gaivota Branca» é conhecida como o antro onde se refugiam os peiores criminosos e varias vezes temos ali ido proceder a diferentes buscas, mas sem o menor resultado. Aquelles patifes tem certamente espias nos arredores e estão sempre prevenidos quando as auctoridades se aproximam. Desgraçadamente encontram-se tambem na policia alguns individuos que tem relações secretas com os criminosos, contudo parece-me de grande utilidade proceder a uma busca na «Gaivota Branca».

—Tambem é essa a minha opinião, replicou Sherlock Holmes, e tenho a certeza que usando das devidas precauções, daremos com o criminoso. Não são necessários muitos policia; bastarão alguns valentes para apanhar não só o assassino, como tambem todos aquelles que ali se refugiam e que tem motivos para fugirem das auctoridades.

Emquanto a senhora Snowdon voltava para sua casa, Sherlock Holmes e Harry Taxon seguidos por dez guardas, tomavam o caminho de Locus Point.

Quando chegaram perto, o celebre policia propoz aos companheiros entrar elle só com o discipulo, esperando os restantes até ouvirem um assobio, signal combinado para correrem em seu auxilio.

Holmes e Harry entraram em seguida em um becco, pelo qual, segundo os seus calculos, poderiam entrar pela parte posterior da taberna, onde havia alguns aposentos reservados, sem chamar a attenção.

As suas deducções eram exactas.

Depois de percorrerem o becco, chegaram junto de um muro de pouca altura que devia corresponder ao pateo da «Gaivota Branca». Escalaram-no sem difficuldade e entraram no pateo.

Uma janella do rez do chão por onde filtrava uma tenue claridade, chamou a attenção do policia.

Aproximaram-se com toda a cautella da janella e espreitaram pelas persianas. O que viram decerto os inquietou, pois correram acto continuo para uma porta que o policia conseguiu abrir em poucos segundos com o auxilio da sua celebre chave.

Embora o abrir da fechadura quasi que não produzisse ruido, a pessoa que estava no aposento certamente ouvira qualquer coisa, porque ainda antes dos policia terem penetrado pela porta, abriram-se violentamente as persianas da janella, sahindo para

o pateo um homem alto, delgado, de barba loura. Na parte superior do braço esquerdo tinha uma ligadura.

No momento em que os dois policiaes entravam no quarto, o fugitivo saltou para o pateo, e correndo desapareceu por uma fresta do subterraneo no proprio instante em que os policiaes voltavam ao pateo vendo que o homem fugira do aposento.

—Para deante, gritou o celebre policia, saltando sem hesitar pela fresta. O seu movimento foi rapido, contudo Harry quasi o excedera, porque as cabeças de ambos encontraram-se quando transpuzeram a fresta.

Quándo chegaram abaixo, accenderam as lanternas electricas, podendo vêr o homem da barba ruiva correndo para a extremidade do subterraneo.

Subitamente desapareceu como se a terra o houvesse tragado.

Devia ter saído por alguma abertura do muro.

Sherlock Holmes depressa deu com o machinismo secreto.

Carregando em uma móla, parte do muro oscilou, deixando livre o accesso á outra parte do subterraneo.

Aquelle compartimento estava cheio de caixotes, barris e muitos outros objectos, deixando pouco espaço livre.

Devia achar-se ali occulto o patife.

Offerecia grande risco entrar ali, pois o miseravel podia estar em algum canto d'onde lhe fôsse facil atacar os intrepidos policiaes.

Tratava-se de um criminoso astuto e ousado que despresava e affrontava os maiores perigos, e que durante muito tempo soubera escapar aos seus perseguidores.

Quem matava innocentes mancebos no florir da existencia, para satisfazer os seus appetites de fera, quem attrahia aos seus antros mulheres de vida facil para nellas sevar os seus instinctos bestiaes, sacrificando-as depois para lhes beber o sangue, e pregaria toda a sua feroz e brutal energia para se não deixar agarrar, mandando para salvar-se e pelo prazer de matar.

Todavia nem Sherlock Holmes nem Harry Taxon conheciam o medo. Na sua longa carreira haviam vencido outros criminosos não menos destemidos.

—Passa tu para aquella lado, disse Holmes ao discipulo; eu arriscar-me-hei por estes cantos. Havemos de encontral-o aqui por força. Suowdon não pôde estar longe.

Um instante depois os valentes policiaes deslizaram por aquelle labyrintho.

Sucederam-se dez minutos de interminavel silencio; de subito, no fundo do lugubre subterraneo re-

soou um grito estridente, grito de angustia que só podia ter sido solto por Jeremy Suowdon.

Effectivamente, era o assassino que gritava, atacado ao mesmo tempo polos dois policiaes e vendo que a evasão era impossivel.

Accorrido no canto mais escuro, julgava já sua a victoria por haver escapado aos seus perseguidores, quando de subito sentiu-se agarrado por elles e atraído ao sólo; em poucos minutos estava ligado dos pés á cabeça.

Os guardas que esperavam nas cercanias da «Gai-vota Branca», ficaram summamente surprehendidos quando viram os dois policiaes arrastando o temivel criminoso bem amarrado.

Satisfeitos com o resultado obtido, desistiram aquella noite de procederem a uma busca nos aposentos reservados da taberna onde se reuniam os criminosos, e acompanharam os policiaes ao commissariado da policia para ali entregarem Suowdon até se receberem instrucções do chefe superior, sr. Harcourt.

N'aquella mesma noite foi o preso submettido a um minucioso interrogatorio na presença do chefe da policia.

Seguindo o systema adoptado por todos os grandes criminosos encerrou-se no mais obstinado mutismo, e habilmente apertado com perguntas negou tudo aquillo de que o accusavam. Então Sherlock Holmes alvitrou que se mandasse vir o homem da orelha rachada para se proceder a uma acareação e confundir o criminoso.

Assim se fez, e as declarações d'este foram taes que o bandido não pôde mais negar, e em vista das provas accumuladas contra elle e constituidas pelos ossos e a camisa ensanguentada, encontradas em sua casa, acabou por confessar haver assassinado o joven Carlos Danforth.

Em presença das accusações de sua infeliz esposa, confessou ter commettido igualmente os assassinios dos mancebos que nos ultimos tempos haviam posto em sobresalto a capital e seus arredores.

Poucos dias depois Suowdon expiava os seus crimes, sendo morto por meio da electricidade.

O homem da meia orelha a quem realmente se não podiam imputar os crimes de assassinio pelos quaes Suowdon dera contas á justiça, fôra apenas condemnado a vinte annos de presidio, pelo roubo das joias feito no dia 24 para 25, e por outros anteriores.

Para o sr. James Danforth, pae do infeliz Carlos Danforth, foi uma enorme satisfação vêr castigado o assassino do seu unico filho.

Profundamente arrependido de ter suscitado da innocencia de seu irmão e da esposa, tratou de reparar a falta levando-o para Rockville, assim como as duas irmãs Ruth e Mabel para ali acabarem os seus dias tranquillamente.

Bill Danforth que, como sabemos, desaparecera, tentou suicidar-se, atirando-se á bahia de Chesapeake; alguns marinheiros porém conseguiram tirá-lo d'agua, levando-o para o hospital onde se restabeleceu promptamente sabendo que a sua innocencia estava demonstrada.

O desolado pae soube tambem que seu filho deixara o relógio, antes de se afastar da casa de seus tios, facto que estes ignoravam.

— Bem, Harry, disse o genial policia depois do assassino ter pago os seus horrorosos crimes com a vida; agora é-nos dado apprehender a viagem de

regresso ao nosso paiz. Já vês que procedemos bem lendo o aviso da policia antes de termos embarcado.

«Evitámos que duas pessoas honradas expiassem um crime commettido por um monstro repugnante e estou certo que não só o sr. Harcouth, chefe da policia de Baltimore, como tambem toda a população se recordarão de nós durante muitos annos.

FIM



Ler no proximo numero:

O mercador de escravas

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

Redacção e administração de

A NOVELLA POPULAR

C. do Ferregial 23 I.º
Lisboa

Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Eg.). 2. O Homem Misterioso, Guy de Téraumont. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Agulha Ocea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres! grande romance policial, A. G. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Regnier.

350 rs. Cada vol. in-4°, contendo a materia de um c c c c grosso vol. in-8°, de 300 c c c c rs. 350

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos.	300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.	300
No preço:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos.	300

A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

bem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES.", o entreccho amoroso que to na todos os episodios palp tantes do sentimento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenhar no empolgante drama os papeis mais sympathicos e os que na s falam ao coração, scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo reis 60

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os deriches do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no Atlantico. 5. O ataque a Nova-Yorek. 6. A batalha aerea. 7. A lucta mundial. 8. A morte do príncipe Karl Albert. 9. (e ultimo) Epilogo d'uma tragedia.

Actualmente, os romances de aventuras extraordinarias e os romances de observação cheios de imprevisto, de situações altamente dramaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos os rogridimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substituem a novella sentimental, piegas, que noutro tempo fez as delicias dos nossos maiores.

O assumpto príncipal desta magnifica obra, resume-se na lucta tremenda entre as potencias que actualmente se impõem ao mundo pela supremacia da força.

Wells, o auctor desta inconfundivel produção não descurou tam-nalmento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenhar no empolgante drama os papeis mais sympathicos e os que na s falam ao coração, scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

JIU-JITSU

TRATADO PRATICO DE PREPARAÇÃO E LE COMBATE

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

photogravuras de pagina

600 reis

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo, magnificas gravuras e capa artistica 700 rs.

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosura—II Chammus de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.

1 eleg. vol. em 8° com artistica capa a 8 côres 700 rs.

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se si ficientemente indicado o fim a que elle visa a sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto myste-ioso que resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-o agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos an's, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, out'ra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embre agadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia p'ende um gatuvo de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-o **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, forma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio feminino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatuos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, LISBOA

Quadros synopticos

de BOTANICA

PARA A

4.ª e 5.ª classe dos lyceus

Estu obra é d'uma grande utilidade para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados. Os

Quadros synopticos de Botanica

vieram preencher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Preço 200 reis

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Milariante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

MEMOIRS D'UNE PARTIEIR

Assumpto empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella 1.ªa artistica 600 reis

Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lancara dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, feroces e implacaveis guerreiros de Attila Tchengis Kan!

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o autor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcitivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo Cada numero rs. 60

Numero publicados

1 O Rei do Pacifico. 2 O Phantasma do Oriente. 3 Em S. Petersburgo. 4 Em c-a minho de ferro. 5 Sobre um vulcão. 6 Na zona interdita. 7 Ilusões e demonio 8 O Campo dos Supplicios. 9 Aventuras d'um reporter. 10 Amigos perdidos 11 A vaga humana 12 Amor louco 13 O espectro do passado 14 Supplicio d'um pae.

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA rs. 60

Texas Jack

♦♦ O Terror dos Indios ♦♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do ro te a sul no mundo yankee, como o d'esses herres lendarios de antigas eras, é narrada nas empolgantes novellas que constituem a primeira serie da **A Vida d'Avventuras** com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel gauchio e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heroe de dezeseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demonio. 4. Massacre de Camp-Lenaster. 5. O ultimo rei dos Oomahs. 6. Os pesquisadores d'onro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 10. Desforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhoes. 18. As nupcias de Buena-Vista. 19. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas. 21. Cariti, o Salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O feitiçeiro de Prescott-Park. 24. For area e ventos. 25. Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador do foras 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32. A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo infernal. 36. A captura dos 1200. 37. O desaparecido do Lago dos Ursoes. 38. Morte de Jumper. 39. A noite sangrenta de S. Francisco. 40. O assalto ao Forte Mac-Rue. 41. O testamento do ermita 42. Dente por dente 43. O rei dos luctadores. 44. O lago dos credidos. 45. Um drama n'um tunnel. 46. O falso explorador. 47. A batalha do Monte dos Espiritos. 48. Aventuras d'um noivo. 49. O milagre do ar.

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA